



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

JULIANA DOS SANTOS DA COSTA

**NARRATIVAS ORAIS SOBRE AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA
PROFESSORA SUELY MAUÉS NA COMPLEMENTAÇÃO ESCOLAR DE
CIDADÃOS ABAETETUBENSES (1980-2017)**

ABAETETUBA-PA
2018

JULIANA DOS SANTOS DA COSTA

**NARRATIVAS ORAIS SOBRE AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA
PROFESSORA SUELY MAUÉS NA COMPLEMENTAÇÃO ESCOLAR DE
CIDADÃOS ABAETETUBENSES (1980-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação e
Ciências Sociais do Campus Universitário
de Abaetetuba da Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro
Pereira Lima

ABAETETUBA-PA
2018

JULIANA DOS SANTOS DA COSTA

**NARRATIVAS ORAIS SOBRE AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA
PROFESSORA SUELY MAUÉS NA COMPLEMENTAÇÃO ESCOLAR DE
CIDADÃOS ABAETETUBENSES (1980-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba, como exigência para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia e submetido à avaliação pela Banca Examinadora, composta pelos seguintes examinadores:

Prof.^a. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima
FAECS – CUBT – UFPA
Orientadora

Prof. Dr. Jadson Fernando Garcia Gonçalves
FAECS – CUBT – UFPA
Examinador

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram e estão sempre próximos de mim, fazendo-me sentir que a vida neste plano terrestre, vale cada vez mais a pena ser vivida!

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação e educação recebida durante toda minha vida.

Agradeço também ao meu companheiro, Cenildo André Barreto, que de forma especial e muito paciente, deu-me força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades.

À Professora Dr^a. Maria do Socorro Pereira Lima, pela valiosa e sábia orientação e pela confiança em mim depositada.

À família e ex-alunos da Professora Suely Maués, pela colaboração e participação nesta pesquisa.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, e possibilitaram a concretização desse trabalho.

“Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

(Paulo Freire)

COSTA, Juliana dos Santos da. Narrativas orais sobre as ações pedagógicas da professora Suely Maués na complementação escolar de cidadãos abaetetubenses. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a história de vida, a trajetória profissional e as contribuições da professora Suely Maués no processo de complementação escolar de alunos com dificuldades de aprendizagem no município de Abaetetuba-Pará, visando construir registros das ações pedagógicas por ela aplicadas nas aulas de reforço escolar. Para o desenvolvimento da referida pesquisa, foi utilizada a História Oral como metodologia de pesquisa histórica, tendo como principais referências teóricas Alberti (2004), Le Goff (1990) e Thompson (1992) que discutem a produção e análise de dados históricos a partir de narrativas orais no resgate da memória coletiva atribuindo suas concepções com base teórica nos estudos de Halbwachs (2006), Pollack (1992) Bosi (2003). As narrativas orais sobre o reforço escolar da Professora Suely Maués enfatizam as abordagens, estratégias de ensino e processos avaliativos que sustentaram suas ações pedagógicas na cidade de Abaetetuba e que lhe confere, até então, uma referência na arte de educar alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem no contexto escolar formal. Espera-se, com a referida pesquisa, a partir da trajetória da formação docente e de registros e análise das intervenções pedagógicas da professora Suely Maués, (re) afirmá-la referência na formação educacional de cidadãos abaetetubenses.

PALAVRAS-CHAVE: História de Vida. Ações Pedagógicas. Reforço Escolar. Narrativas Orais.

Costa. Juliana dos Santos da. Oral narratives about the actions of Professor Maués in the complementary school of Abaetetubenses citizens. 2018. Work of completion of course. Faculty of Education and Social Sciences of the Federal University of Pará, university Campus of Abaetetuba.

ABSTRACT

The objective of the present work is to analyze the life story, the professional trajectory and the contributions of Professor Maués in the process of school completion of students with learning difficulties in the municipality of Abaetetuba-Pará, aiming To build records of the pedagogical actions she applied in school reinforcement classes. For the development of this research, Oral history was used as a historical research methodology, having as main theoretical references Alberti (2004), Le Goff (1990) and Thompson (1992) that discuss the production and analysis of historical data to From oral narratives in the rescue of collective memory attributing their conceptions on a theoretical basis in the studies of Halbwachs (2006), Pollack (1992) Bosi (2003). The oral narratives about the school reinforcement of Professor Maués emphasize the approaches, teaching strategies and evaluation processes that sustained their pedagogical actions in the city of Abaetetuba and that gives it, until then, a reference in the art of Educating students who present learning difficulties in the formal school context. It is hoped, with this research, from the trajectory of teaching and records and analysis of the pedagogical interventions of teacher Suely Maués, (re)affirming it reference in the education of abaetetubenses citizens.

KEYWORDS: Life History. Pedagogical Actions. School reinforcement. Oral Narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Suely Maués da Silva	28
Figura 2 – O casal Suely e Eldonor com os filhos	31
Figura 3 – A família de Suely Maués	32
Figura 4 – Suely Maués oficialmente professora, concluinte do curso de Magistério (1995)	33
Figura 5 – Professora Suely Maués e sua turma de EJA Etapa I.....	37
Figura 6 – Espaço onde a professora Suely Maués trabalhava com aulas de reforço	45
Figura 7 – Livro de alfabetização da professora Suely	46
Figura 8 – Exemplos utilizados pela professora Suely	48
Figura 9 - Armário de materiais didáticos da professora Suely Maués.....	58
Figura 10 – Materiais didáticos utilizados pela professora Suely Maués.....	64
Figura 11 – Frente da casa onde a professora Suely morava e onde funciona o externato São Vicente de Paula	64
Figura 12 – Atividade de um dos alunos da professora Suely Maués	65
Figura 13 – Discurso de homenagem de um aluno no dia da missa de falecimento da professora Suely Maués	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO I – NA TRILHA DA HISTÓRIA ORAL	14
1.1 Concepção de História Oral	14
1.2 Concepção de Memória	19
1.3 História de vida e memória coletiva	22
SEÇÃO II – A PROFESSORA SUELY MAUÉS	27
2.1 História de vida	27
2.2 Formação profissional	34
2.3 A professora Suely Maués pelas vozes dos outros.....	37
SEÇÃO III – SER E FAZER-SE PROFESSORA DE COMPLEMENTAÇÃO ESCOLAR EM ABAETETUBA-PA	43
3.1 Tempos de ser professora de reforço: memórias de saberes, ideias e evidências pedagógicas de si, pelos outros	43
3.2 Vozes dos sujeitos do reforço escolar: os alunos	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	63
APÊNDICES	66

INTRODUÇÃO

O registro de histórias de vida de professores abaetetubenses, assim como a trajetória profissional de muitos dos que contribuíram com a educação local, ainda é um tema muito escasso em pesquisas institucionais. Pouco se tem notícias de registros de educadores que atuam em ambientes fora dos espaços escolares formais, por exemplo, como o qual está sendo tratado neste trabalho.

Considera-se de fundamental importância para quem deseja conhecer, do ponto de vista do imaginário social, as configurações de papéis e as atribuições de sentido a esse modo de educação que historicamente se constitui em práticas educativas como as históricas aulas de reforço escolar como prática de superação das dificuldades escolares.

Como exemplo de envolvimento pessoal nessas práticas durante a minha escolarização numa escola pública do município de Abaetetuba, passei a olhar com mais cuidado que o reforço escolar é uma prática que passa de geração em geração, pois, assim como ocorreu comigo na infância, muitos alunos abaetetubenses vivenciaram e ainda vivenciam essa experiência.

Sabe-se que, na contemporaneidade, a busca por reforço escolar está associada ao fracasso escolar, ou quando as expectativas de sucesso na aprendizagem de conteúdo específicos de uma determinada disciplina não se confirmam e, por algum motivo, o reforço escolar auxilia e/ou até resolve a vida de alunos ameaçados de reprovação.

Diante dessa reflexão que ao longo da minha vida de estudante tem me chamado a atenção, passei a escutar pessoas que tinham como referência a professora Suely Maués, na prática de reforço escolar bem sucedida. As opiniões sobre esta professora asseguram que se tratava de uma profissional muito disputada na cidade de Abaetetuba no que se refere a recuperação de alunos com problemas de aprendizagem. Ainda, segundo informações de quem a conheceu, o método de ensino da professora Suely Maués era infalível.

Diante de tamanha confiança de profissionais que foram auxiliados pela professora Suely Maués, tais como: advogados, médicos, administradores, professores, dentistas, entre outros profissionais que na infância foram seus alunos das aulas de reforço, aguçou-me a curiosidade de saber sobre a prática dessa professora.

Ao decidir por estudar a história de vida e profissional dessa professora em meados de 2017, acabei por surpreender-me com a notícia de que ela havia falecido neste mesmo ano, porém sua filha Elizelda assumiu o trabalho com as aulas de reforço. Nesta ocasião, hesitei bastante em direcionar minha pesquisa para outro objeto, pois, estava organizando meu projeto de pesquisa como produção avaliativa da disciplina Laboratório de Pesquisa, do Curso de Pedagogia/UFGA. Contudo, a professora ministrante da disciplina e orientadora desse trabalho, incentivou-me a dar continuidade na proposta de fazer um estudo da trajetória profissional da professora Suely Maués, por tudo que ela representou na educação de cidadãos abaetetubenses.

Esta motivação foi sustentada por muitas leituras que levaram ao encontro de fundamentos teórico-metodológicos adequados ao objeto em questão. Por um tempo, detive-me a esta tarefa, até optar pelo método da História Oral como uma forma de conhecer, além da trajetória profissional da referida professora, sua história de vida, pois sua dedicação como professora de reforço era, na verdade, o seu projeto de vida.

Muitas questões surgiram para o desenvolvimento deste estudo, a saber: Quem foi a professora Suely Maués? Como ela se constituiu professora de reforço escolar na cidade de Abaetetuba? Que método de ensino ela usava que resolvia os problemas de aprendizagens curriculares de alunos? Que discursos sobre a sua prática pedagógica os ex-alunos, pais e famílias constroem sobre as ações pedagógicas da professora Suely Maués?

Estas questões que nortearam a pesquisa surgiram de um interesse particular, ou talvez mais curioso, pela própria “fama” da professora Suely Maués, e partindo da ideia da escassez de pesquisas nestas perspectivas, cuja intenção foi fazer uma abordagem de reconhecimento das contribuições da professora Suely Maués para a história da educação do município de Abaetetuba, a partir de registros e discursos das suas ações pedagógicas aplicadas à comunidade escolar nas suas aulas de reforço.

Ressalta-se que esta pesquisa procurou ajustar-se a uma metodologia onde fosse possível conhecer e fazer reconhecer a história de vida e trajetória docente da professora Suely Maués, uma história que lhe permitiu autonomia didática capaz de resolver problemas de aprendizagens que a escola formal não conseguia solucionar no tempo em que a professora Suely Maués esteve à frente do Externato São Vicente de Paula, no município de Abaetetuba-Pará.

O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a história de vida, a trajetória profissional e as contribuições da professora Suely Maués no processo de

complementação escolar de alunos com dificuldades de aprendizagem no município de Abaetetuba-Pará, visando construir registros das ações pedagógicas por ela aplicadas nas aulas de reforço escolar, destacando suas contribuições para a história da educação no município de Abaetetuba e para o seu alcance utilizamos a História Oral como método de análise e a memória de vários sujeitos como recurso de coleta de dados.

Este trabalho que se configura em Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em três seções, a saber: Na seção I, apresento uma breve abordagem sobre a História Oral como a opção de método da pesquisa, como forma de fazer entender as muitas leituras feitas para o desenvolvimento da pesquisa, que de certa forma, foge um pouco do acúmulo de pesquisas mais concentradas em contextos formais de educação. Ainda nesta mesma seção, tratarei da memória como recurso histórico, relacionando a História de vida e Memória coletiva.

Na seção II, apresento os aspectos relacionados à professora Suely Maués, sua história de vida, sua formação profissional, segundo as vozes dos sujeitos entrevistados que envolvem membros da família, amigos e responsáveis de alunos.

Na seção III, dialogo sobre o reforço escolar como prática profissional que marcou a carreira de docente da professora Suely Maués; a fundação do Externato São Vicente de Paula, assim como as memórias de saberes, ideias e evidências pedagógicas sobre a referida professora, segundo as vozes de ex-alunos do reforço escolar. Em seguida, apresento minhas considerações finais com os resultados e destaques das contribuições pedagógicas da professora Suely Maués na história da educação no município de Abaetetuba no decorrer de três décadas de serviço à comunidade.

SEÇÃO I - NA TRILHA DA HISTÓRIA ORAL

Esta seção traz uma breve abordagem sobre a História Oral como a opção de método da pesquisa que se utilizou da memória coletiva como procedimento de coleta de dados sobre o reforço escolar da professora Suely Maués e sua atuação na recuperação de alunos com dificuldades de aprendizagem em contexto escolar formal.

A memória coletiva incide na escrita da história de vida e profissional da referida professora com dados oriundos das lembranças de sujeitos (ex-alunos, amigos e familiares) que experienciaram as ações pedagógicas da professora Suely Maués, enquanto professora de reforço escolar no município de Abaetetuba-Pará.

A partir de leituras específicas de autores que se dedicam à História Oral foi importante saber que sua introdução no Brasil se deu a partir dos anos 70 e encontrou força nos anos 90. Deste crescimento surgiu a criação em 1994 da Associação de História Oral e em 1996 foi criada a Associação Internacional de História Oral.

Desde os seus primórdios a História Oral firmou-se como instrumento de construção da identidade de grupos em processo de transformação social. Não se trata de um método do sistema lógico, estruturado previamente para pesquisar um objeto de estudo. Importante frisar que em História Oral não há um objeto de estudo, mas sujeitos em diálogo.

A História Oral é uma arte, além da de escutar, também de relação: entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista (diálogo) e entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala (memória).

1.1 Concepção de História Oral

Para construir a história de vida de indivíduos, seu passado e sua trajetória utiliza-se a História Oral ou Método Biográfico como também é denominado por Dosse (2009) na obra *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trata-se de um recurso valioso para variados estudos. Esse método possibilita a realização de entrevistas gravadas com pessoas que possam testemunhar sobre acontecimentos, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea e assim registrar a história de vida de indivíduos tendo como principal finalidade criar fontes históricas.

Como se trata de um conjunto de procedimentos e técnicas relativamente novos Paul Thompson, nos sugerem que a História Oral é tão velha quanto à própria História quando diz que:

O uso difundido da expressão “história oral” é novo, tanto quanto o gravador de fitas, e tem implicações radicais para o futuro. Mas isso não significa que ela não tenha um passado. Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira forma de história (THOMPSON, 1992, p.45).

Denomina-se de moderna a História Oral àquele cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método. Paul Thompson (1992) privilegia a gravação como elemento mais importante, considerando que sua origem é oral, posição com a qual nos afinamos.

Há um consenso no meio acadêmico em classificar a História Oral como uma metodologia de pesquisa. Conforme Alberti (2004),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2004, p. 155).

E por se tratar de uma técnica inovadora a História Oral atravessa diversas áreas do conhecimento e perspectivas teóricas, em diferentes centros de pesquisa pelo mundo. São inúmeras as experiências na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália, no México, no Brasil, entre outros. Por essa metodologia podemos compreender quem são as pessoas, como vivem, porque fizeram suas escolhas e seus caminhos, como pensam e como sentem. É certo que o campo das linguagens e o da sociedade se beneficiam dessa metodologia de pesquisa qualitativa que tem na subjetividade o principal elemento de inovação na comunicação, cujos estudos recentes têm dado especial atenção a essa questão, que se associa aos estudos da memória como tema, objeto de estudo ou método teórico, ganhando cada vez mais a atenção dos estudiosos preocupados com as questões que envolvem a cultura, a recepção, as

comunidades, as linguagens e as tecnologias, está baseada na interação humana, que contempla as narrativas dos indivíduos/sujeitos sociais.

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

Enfatiza-se que história de vida não é sinônimo de História Oral, são duas esferas distintas que não se confundem. Para Maurice Halbwachs:

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social (HALBWACHS, 2006, p. 100-1).

A História Oral tem como suporte as lembranças, quem conta uma história, faz necessariamente apelo a memória evidenciando uma memória individual ou coletiva. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas. A memória é o meio pelo qual nos relacionamos com o passado. As narrativas das histórias de vida, consideradas como expressões da nossa memória, são as nossas propriedades de conservar certas informações, que nos remetem a “[...] conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 419).

Ao evidenciar suas memórias pessoais os sujeitos constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Nesse sentido os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida.

Segundo Jacques Le Goff (1990, p. 420-21), os “[...] fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que resultados de sistemas dinâmicos de organização”. O ato de rememoração fundamental é o “comportamento narrativo”. A linguagem e, nesse caso, a narrativa

oral do sujeito, são possibilidades de armazenamento da memória, por um lado, e de sua expressão e materialização, por outro.

No entanto nas narrativas orais não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.

Nas pesquisas de História Oral entrevistas são utilizadas e obviamente o que se recolhe são as memórias individuais e/ou coletivas. Com a História Oral, aplicada no decorrer deste trabalho, a entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana tem caráter temático é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico e possibilita realizar entrevistas induzidas, estimuladas e gravadas, com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 1990).

Essas entrevistas buscam a coleta dos depoimentos, não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.

Segundo Ecléa Bosi (2003) a memória oral é um instrumento precioso pelo qual desejamos constituir a crônica do cotidiano (sic). Por ela faz-se intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a maior riqueza. Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes.

No entanto, Alberti (2004) chama a atenção a um equívoco que, segundo ela, é muito comum e convém evitar: pensar que a entrevista já é a própria história. O pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma fonte oral. Para facilitar esse trabalho, orienta-se a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa.

Destacando a importância da memória coletiva, Le Goff (1990) nos adverte que “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

A utilização de fontes orais requer o respeito a regras metodológicas que garantam o rigor científico e metodológico da pesquisa, nesse sentido pressupõe técnicas e um conjunto de orientações necessárias a realização dessa pesquisa. A elaboração de um projeto com tema definido e os propósitos da pesquisa, há que se preocupar com a qualidade e não com a quantidade de entrevistas a serem realizadas. O entrevistador estará lidando com a memória que, às vezes, pode ser vaga nas coisas que aconteceram, por isso, o entrevistador pode e deve ajudar as pessoas a resgatar as suas memórias, principalmente quando for solicitado. Nesse sentido Thompson, pesquisador inglês, que produziu vários trabalhos de grande relevância sobre História Oral, considera que:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoa e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1992, p. 254).

Aliás, saber ouvir as pessoas é uma característica fundamental do pesquisador, que utiliza a História Oral como instrumento em sua pesquisa. Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas e o documento final é o resultado do diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Como já foi dito, as narrativas orais são narrativas de memórias. Por isso, precisamos ser muito cautelosos ao lidar com as fontes orais, buscando entender o que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re)construídas e externalizadas no momento da entrevista.

A metodologia aqui discutida é importante, pois a atitude e o objetivo do homem são criar histórias. Dessa forma, nossa espécie *não* se diferencia na natureza somente por suas peculiaridades biológicas. Ao mesmo tempo em que somos produto da sociedade, também somos criadores dela.

1.2 Concepção de memória

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. A memória humana focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e se desgasta com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas ideias, ajudando a tomar decisões diárias. Memória, segundo diversos estudiosos, é a base do conhecimento. Como tal, deve ser trabalhada e estimulada. É através dela que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida.

É importante destacar que são poucas as tentativas de definição do que é a memória e a maneira como ela funciona vem sendo tema dos estudos de filósofos e de cientistas há séculos. A memória faz parte da nossa vida seja quando pensamos em lembranças que parecem ser apenas nossas, seja quando fazemos parte de um grupo. A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, afirma Halbwachs (2006).

As lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações ficam “armazenadas” em nossa memória, esta que é entendida como um fenômeno individual ou próprio e também como um fenômeno coletivo e social (POLLACK, 1992, p.2). Alguns acreditam que a memória é uma dádiva que nos distingue de outras criaturas no mundo animal, dádiva que nos permite ter a razão, prever e antecipar acontecimentos, é a base do início da civilização.

Halbwachs revolucionou o pensamento de sua época ao afirmar que o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a reconstrução da memória. Aponta que as lembranças podem, a partir da “vivência” em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado ajustadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com o autor é uma imagem engarrafada em outras imagens.

A história se apodera da memória individual ou coletiva e a transcreve em palavras. É nesse momento que a história dá voz ao ‘povo’ pela primeira vez. O século

XIX, portanto, é o momento da perda da memória, ou melhor, ela vai se ancorar na história.

Na concepção de Halbwachs, a memória se distinguiria da história sob pelo menos dois aspectos: primeiro que ela é uma corrente de pensamento contínuo, que nada tem de artificial e que não ultrapassa os limites do grupo, enquanto na história se tem a impressão de que de um período a outro, tudo se renova. O outro ponto de diferenciação no pensamento de Halbwachs é que existem muitas memórias coletivas, enquanto a história se pretende universal. Halbwachs no que diz respeito à memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”; haveria então na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social.

Sociedade, memória e suas relações são o centro do pensamento de Maurice Halbwachs. Ao introduzir suas observações sobre a memória coletiva e memória individual, o autor coloca que “[...] recorreremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação (HALBWACHS, 2006, p.29).

Na metodologia da História Oral a memória é um elemento de fundamental importância nesse processo de propor aos sujeitos a retomada do passado, mesmo recente. A memória aqui é compreendida como trabalho, tal como Bosi (1995) a define, isto é, o processo de rememoração exige daquele que recorda um refazer, exige uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente. Porém memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, visando a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade.

A memória parece ser uma característica individual, algo relativamente particular, próprio da pessoa. Referindo-se à memória individual, diz Maurice Halbwachs:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Na opinião de Maurice Halbwachs, nossa memória se apega mais ao fato vivido do que aquele que entremos em contato através dos livros. Não obstante, por história não podemos entender apenas como uma sucessão cronológica de acontecimentos, “[...] mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2006, p. 79).

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. Sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações vividas no momento constituem um elemento de estruturação da memória. O que a memória individual grava, engloba, exclui, relembra, é claramente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Há, portanto, como aponta Pollak (1992) um trabalho constante de “enquadramento da memória”. É preciso escolher o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido. Também Pollak reitera que “[...] as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”. Como Halbwachs, Pollak insiste no aspecto de construção da memória, como uma estratégia de agentes e agências sociais para ancorar identidades, pois há, segundo o autor, uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”

Isso ocorre também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Ora, antes de uma ideia ser falada ou escrita, precisa primeiramente estar armazenada na memória e esta pode apresentar-se de forma documentada ou ainda adquirida através da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, contos, entre outras modalidades. A transmissão oral da memória foi algo muito praticado até uma época relativamente recente. Ainda hoje há culturas indígenas, por exemplo, que transmitem suas tradições, crendices, ensinamentos, etc. através da oralidade.

A memória, dessa forma, cumpre seu papel social, que é ecoar o passado formando ou não identidades. Este eco dos acontecimentos se dá principalmente através da linguagem.

Vale reforçar, que a memória, tanto individual como coletiva, constitui um objeto de manipulação. Isso acontece com bastante frequência considerando que todos manipulam suas memórias, mesmo que não intencionalmente. Sendo a memória o instrumento do historiador, este resgata o passado tendo como função mediar as manipulações da história ao mesmo tempo em que possa discernir sobre o que de fato aconteceu e a subjetividade do indivíduo, documento ou qualquer outro meio que lhe sirva como fonte. Neste sentido, o historiador tem um compromisso com a verdade histórica ao mesmo tempo em que reflete sobre sua própria realidade e temporalidade.

Sobre o trabalho do historiador que usa a memória como fonte, Halbwachs afirma que ele deve partir da busca dos detalhes que se somará a conjuntos que resultará, por sua vez, em uma soma de conjuntos onde nenhum fato é menos importante que outro. Desta forma, geraria a visão mais imparcial possível do todo.

Assim sendo, a memória não é um mero depósito de dados da qual se pode recuperar informações, mas um processo em contínua elaboração. Guardar a memória é ser dotado de um conhecimento profundo, diferente do conhecimento superficial partilhado pelo homem comum. Conhecimentos sobre o passado conferem ao seu portador autoridade. Nesta busca de propriedade e autoridade sobre o tempo e sobre a própria sociedade, onde, em uma estrutura, é possível apreender eventos significativos e reescrever a História e a memória a partir destes pontos.

1.3 História de vida e memória coletiva

A história de vida, um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e mais especificamente da história oral, constitui-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas, sendo utilizados atualmente por diversos sociólogos, antropólogos, historiadores, psicólogos e, mais recentemente, por terapeutas ocupacionais.

Escrever uma vida é uma aventura de valor e importância incalculáveis, quando se trata de percorrer a trilha da existência de determinado sujeito. Dosse (2009, p.11) diz que “[...] escrever uma vida é um horizonte inacessível que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreende-la”. Nesse ensejo desperta-se o desejo de

experimentar uma jornada biográfica através das narrativas de história de vida. Narrar uma vida significa que ela pode ser concebida como uma narrativa, um relato de que a existência de um indivíduo percorre em uma trajetória histórica em um determinado tempo e contexto social.

Aqui a concepção de biografia mistura-se a essa noção, pois, atribui-se ao gênero o propósito original de desenvolver essa narrativa. A relação entre a biografia e a história sempre foi de altos e baixos, desde a Antiguidade é um gênero muito produzido, portanto não é possível deixá-lo à margem da pesquisa histórica.

Alguns historiadores defendem o gênero biográfico, acreditando que este valoriza o qualitativo e o individual da história em detrimento do quantitativo e coletivo. Compreender sua melhor utilização, talvez ainda seja o maior desafio para os pesquisadores.

Finalizando essa breve consideração sobre a importância dos estudos biográficos, principalmente sobre a utilização deste gênero como fonte documental, e que dará suporte para o presente trabalho, utilizaremos um trecho do texto *Grandezas e misérias da Biografia*, de Vavy Pacheco Borges: “[...] a biografia tem sido considerada uma fonte de conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes” (BORGES, 2014, p. 215).

Na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo ou ainda constituída de relatos das vozes de outros sobre esse indivíduo. Esse relato pode abranger a totalidade da existência do informante. Para tanto, seriam necessárias inúmeras horas de gravação.

Acreditamos que a concepção de memória coletiva seja vital para este trabalho, pois estamos lidando com um conjunto de representações do passado onde agentes diversos procuram, a partir de preocupações do presente, reconstruir uma história.

Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia frisado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido à transformações e mudanças constantes em vez de tratar a memória isoladamente, busca sua compreensão na relação homem-sociedade. Ele não vai estudar a memória em si, mas os “quadros sociais da memória”.

Portanto, as relações a serem determinadas já não se limitam ao mundo da pessoa, e sim, à realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do

indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. Nesta perspectiva, lembrar-se é uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo.

A reconstrução do passado, portanto, irá depender da integração do indivíduo em um grupo social que compartilha de suas experiências. Será esse grupo que dará sustentação a suas lembranças. Porém, segundo, Halbwachs, é indispensável que haja entre o grupo e o memorialista uma identidade, através da qual se evidencie uma memória coletiva. Os elementos constitutivos da memória tanto individual quanto coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos do grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente parte.

A conceituação que Halbwachs faz de memória coletiva leva-o a conceber quer a memória, quer a identidade que a determina, como sistemas estáticos e coerentes de aceções e valores que permitem manter e solidificar os laços afetivos existentes entre os membros de um grupo material e mentalmente identificado no espaço e no tempo em outras palavras que a memória coletiva pode ser vista como um conjunto de lembranças comuns a um grupo. As memórias subsistem porque fazem parte de um conjunto de valorações e significados que são comuns a todos os membros do grupo, na medida em que as imagens privadas que cada um tem do passado são submetidas a padrões adequados mantidos coletivamente. Para Halbwachs, a memória é um movimento contínuo e retém aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo, a história é uma ponte entre o passado e o presente, que tenta restabelecer a continuidade interrompida em algum ponto. Logo não há história no presente, pois só é possível recriar correntes de pensamento coletivo que tomam impulso no passado.

A memória coletiva, por sua vez, engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, essa visão proposta pelo autor associa a memória coletiva como um complemento à memória individual. Isto ocorrerá quando determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que “são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Por mais que tenhamos a percepção de ter vivenciado eventos e contemplado objetos que somente nós vimos, ainda assim nossas lembranças permanecem

coletivas e podem ser evocadas por outros. Isso porque, como afirma o autor, jamais estamos sós, mesmo quando os outros não estejam fisicamente presentes, pois os carregamos conosco em pensamento. Para Maurice Halbwachs:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Ainda, a memória pode ser fortalecida ou enfraquecida pelos testemunhos e também sobre o que lembramos é verdadeiro ou é só uma invenção de nossa mente. Com o apoio não somente em sua memória, mas também na de pessoas que compartilharam o momento conosco uma recuperação poderá ser mais exata. Segundo o autor:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Reafirma este teórico que “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (p.31).

Diante da ideia de Halbwachs de que a memória seria desencadeada pela vida atual do sujeito, principalmente a partir de suas relações sociais, que, se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar, Bosi considera: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 2003, p. 55). Assim, as narrativas orais sobre a vida da professora Suely Maués apresentam tanto aspectos individuais quanto coletivos, misturados a elementos do presente e à experiência de cada narrador.

Tais narrativas se mantêm no presente de forma viva, e reelabora-se a cada contar, num processo que pode contribuir para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade. Entendemos então que a memória individual e a

memória coletiva se alimentam e guardam informações importantes para os sujeitos, garantindo a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

A partir deste aprofundamento teórico, procuramos delinear a trajetória de vida e profissional da Professora Suely Maués, que no uso particular de suas ações pedagógicas, ficou conhecida como professora de “Reforço Escolar” por recuperar nos alunos abaetetubenses o rendimento escolar satisfatório não alcançado na escola formal.

SEÇÃO II - A PROFESSORA SUELY MAUÉS

Esta seção destina-se a apresentação dos aspectos relacionados à professora Suely Maués, sua história de vida, sua formação profissional, segundo as vozes dos sujeitos entrevistados que envolveram, amigos, ex-alunos e membros da família da referida professora.

2.1 História de vida

A impressão que se tem ao se trabalhar com história de vida é que estamos envoltos a uma mistura de jornalismo, literatura e história, onde se pretende relatar, registrar e descrever a trajetória única de um ser único e original, quase que incopiável, enfatizando os principais fatos.

Na coleta das narrativas foram entrevistadas vinte e duas pessoas: nove alunos da professora Suely Maués, oito familiares e cinco pessoas mesclando círculo familiar e mães de alunos.

Teremos a presença de dois elementos muito fortes neste trabalho: a narrativa e a memória. Nada mais justo, porque tanto a narrativa quanto a memória subsidiam a pesquisa, que conta e reconta a trajetória da Professora Suely e aos poucos constrói sua história de vida.

Os familiares da Professora Suely sistematizaram parte de sua História de Vida, ajudando no encontro de inúmeros materiais referentes a esta História. Refiro-me aqui a fotografias e transcrições de discursos. Nesses materiais e em outros conseguidos com bastante esforço e em inúmeros locais, consegui (re)construir as falas/escritas necessárias para o desenvolvimento deste trabalho.

Conhecer a história de vida de uma profissional tão importante e reconhecida no município de Abaetetuba, por suas ações pedagógicas, nesta pesquisa, analisar a história de vida e a trajetória profissional da Professora Suely Maués, nos permite conhecer um pouco mais e melhor sobre sua identidade, dos seus ideais, das contribuições pedagógicas à educação de cidadãos abaetetubenses, assim como resultados do seu trabalho como professora de reforço escolar.

Segue uma fotografia da professora Suely Maués, num momento de descontração, que a caracteriza como uma pessoa que estimava apreciar eventos festivos, apesar de ter a maioria do seu tempo destinado ao reforço escolar.

Figura 1 – Suely Maués da Silva



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Nascida a 21 de setembro de 1942, na localidade de Jenipapo, região do Marajó, a professora Suely Maués era filha do abaetetubense Almerindo Maués e da marajoara Neusa Mesquita, casada com Eldonor Macedo da Silva, que a conheceu ainda muito jovem. O senhor Eldonor narra sobre o momento em que a professora chegou em Abaetetuba.

Chegou em Abaetetuba, entre os anos de 1946...47 mais ou menos, ela tinha uns quatro anos. O pai dela trouxe ela e irmão Gilberto para morar com ele aqui em Abaeté. O Almerindo tinha uma embarcação batizada de “Maués”, ele trabalhava realizando o transporte (frete) de gado e fornecia alimentos para as fazendas, nos rios da região e no período em que estava ausente a filha ficava sob os cuidados da avó paterna e de Lucília Maués, irmã de Almerindo.

A professora Suely Maués teve sua criação e educação compartilhada pelo pai e pela avó paterna, Dona Rosinha, com auxílio da tia professora Lucília Maués, carinhosamente tratada como Tia Lucí, com quem morou por toda a infância, em Abaetetuba.

Ainda na infância, aos cuidados dessa tia, a professora Suely Maués iniciou seus estudos e sua trajetória estudantil em algumas escolas tradicionais de Abaetetuba. Segundo relata o seu filho Elton, os estudos da professora Suely Maués foram custeados pelo avô, Sr. Almerindo, que era um homem de condições financeiras razoáveis. Foi esse avô que investiu nos estudos da Professora Suely numa das escolas mais tradicionais do município, o Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA). Essa instituição religiosa iniciou suas atividades educativas no município de Abaetetuba em 1953, em regime de educandário, sob a coordenação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, que priorizavam a educação geral de meninas. Entre essas meninas, existia a professora Suely Maués.

O esposo Eldonor, traz da memória, lembranças sobre este momento na vida da professora Suely Maués:

[...] quando ela estudou no INSA, passava o dia inteiro e só voltava para casa à noite. Ela estudava de manhã e à tarde, e lá eles ensinavam outras coisas para ela. Ela aprendeu a fazer bolo, a costurar e muitas coisas as freiras ensinaram para ela.

Essa instituição religiosa funcionava em regime de internato e semi-internato e na infância, a professora Suely Maués estudava em tempo quase integral, passava o dia inteiro e voltava para casa à noite. Neste regime de ensino, ela recebia as orientações formais referentes à escolarização curricular, mas, também, por toda finalidade da instituição com a formação integral feminina, havia um tempo destinado às aprendizagens de “prendas do lar”, cujo objetivo era desenvolver nas alunas internas, habilidades nas artes culinárias e trabalhos manuais, tais como, costurar e bordar. Neste colégio, a então professora Suely Maués, cursou do 1º ao 5º ano do antigo ginásio.

Ainda, o senhor Eldonor recorda-se que conheceu a professora Suely Maués, na juventude. Segundo seus relatos, ocorreu um tempo de namoro, depois casaram e residiram por alguns anos no Rio Bacuri, ilha de origem do senhor Eldonor, localizada às proximidades de Abaetetuba. Juntos, formaram uma família composta

por doze filhos: Eldely, Giselda, Elton, Elvis, Eriton, Erica, Eder, Elma, Elda, Elizelda, Elizandra, Elieida.

O filho Eder recorda que a professora Suely Maués deu à luz a onze filhos sob os cuidados de uma parteira, na casa, a exceção da caçula, Elieida. Reforça Eder, que todos nasceram de parto normal, o que era muito comum à época.

Os filhos mais velhos da professora Suely Maués, evocam em suas memórias as características da vida que levavam. Elton, o terceiro filho e Eder, o sétimo, relatam sobre o período.

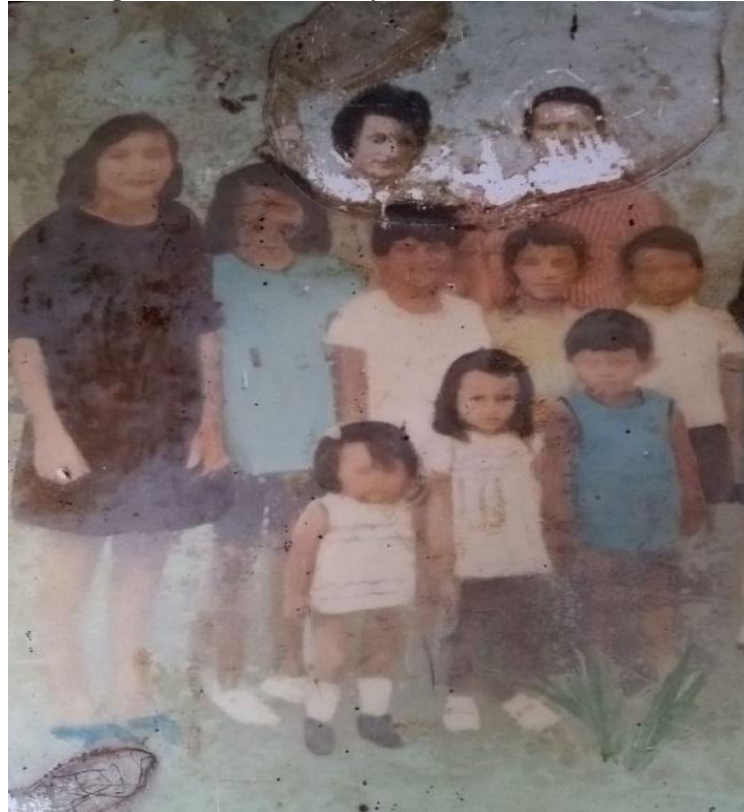
Nós morávamos em uma casinha humilde de apenas um cômodo, com características típicas das moradias ribeirinhas: coberta de palha e paredes de miriti e paxiúba. Levávamos uma vida simples. A mamãe tecia os matapis, colocava malhadeira, costurava para fora (modista), fazia deliciosos bolos para vender e a gente também ajudavam nos ofícios diários necessários ao sustento da família enquanto o papai, também comerciante fluvial, trabalhava numa embarcação que a gente tinha chamada Helena de Tróia, com o frete da comercialização de cachaça que transportava do rio Bacuri até a capital Belém.

Os referidos filhos recordam das dificuldades que enfrentaram durante esse período em que moravam nas ilhas do rio Bacuri, viviam com pouco recurso, mas ressaltam que a mãe administrava com maestria o pouco que tinham, procurando suprir as necessidades dos filhos para que nada lhes faltassem.

No período em que o casal morou nas ilhas, a professora Suely Maués perdeu dois filhos (Eriton e Elma), em momentos distintos que ocasionou na mudança da família para a zona urbana, onde poderiam ficar mais próximos dos recursos necessários à assistência na saúde dos filhos.

A imagem pintada representa a família da professora Suely Maués, juntamente com o esposo, senhor Eldonor e os filhos: Eldely, Giselda, Elton, Elvis, Eriton, Eder, Elma e Elda, ainda quando moravam no rio Bacuri.

Figura 2 – O casal Suely e Eldonor com os filhos.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Desde 1980 quando a família da professora Suely Maués estabeleceu residência fixa em Abaetetuba no bairro do Algodão. Moravam em uma casa simples de madeira local onde começou a lecionar aulas particulares criando o Externato São Vicente de Paula.

O senhor Eldonor refere-se à esposa como uma mulher católica, devota de Nossa Sra. do Perpetuo Socorro e que frequentava a missa religiosamente numa igreja localizada às proximidades de sua casa.

Em conversas informais com membros da família da professora Suely Maués e pessoas próximas a ela, percebe-se uma homogeneidade quando a caracterizam. Tratava-se de uma pessoa extremamente autêntica e sempre alegre, com o sorriso frequentemente estampado em seu rosto como uma característica marcante. Incidem em apontá-la como uma mulher vaidosa, que gostava de andar costumeiramente arrumada e apresentável às pessoas, sempre com atitudes caridosas, que tinha como princípio ajudar as pessoas que recorriam a seu auxílio. É também lembrada como uma figura de bom coração que não acreditava na existência de pessoas maldosas.

Embora dedicada à igreja, era tida como uma figura divertida, que gostava de dançar e participar de eventos festivos.

Todavia, o bem mais valioso para a professora Suely Maués era a sua família, vê a reunião dos filhos diante de uma mãe protetora e ao mesmo tempo rígida, como ela se considerava, porém, incentivadora dos projetos dos filhos. Era admirada por seus alunos por ser possuidora de um rico e cuidadoso vocabulário, sem qualquer necessidade de uso, por parte dela, de palavras e expressões ofensivas.

A imagem seguinte estampa a família da professora Suely Maués reunida com os filhos, em fase adulta.

Figura 3 – A família de Suely Maués.



Fonte: Acervo da família Maués (maio/2018).

Considerada pela família como uma pessoa irrequieta, a mãe e esposa Suely Maués, que havia estudado até o ginásio, logo que se estabeleceu em Abaetetuba e com os filhos já crescidos, entendeu que era hora de dar continuidade aos seus estudos interrompidos quando foi morar na região das ilhas.

Todavia, desde quando passou a residir em Abaetetuba devido a infelicidade de perder dois dos seus doze filhos, decidiu por matricular-se no Núcleo Avançado de Estudos Supletivos (NAES), hoje Escola Estadual Prof.^a Maria Oscarina Silva Pereira.

Este núcleo, que iniciou suas atividades na cidade com a finalidade de atender aos jovens e adultos e ainda persiste com nova identidade, funcionava em regime

semipresencial e oferta a instrução personalizada-semipresencial (módulos) e Ensino Fundamental e Médio por Etapas. Nesta oportunidade, a professora Suely Maués, concluiu o ensino fundamental e assim elevou mais seus conhecimentos no entanto ocorreu novamente uma pausa nos seus estudos.

Decorrido alguns anos a professora Suely Maués sentiu necessidade de voltar a estudar para se qualificar como professora. Ela queria cursar o Magistério. A filha Elizelda relembra a ocasião em que a mãe se posicionou para concluir o ensino médio.

A mamãe queria estudar o Magistério e o papai ficou meio aborrecido porque ela ia estudar de noite e à noite era o único horário em que ela tinha tempo. Então eu me ofereci para acompanhar ela no curso e nos matriculamos na escola Bernardino Pereira de Barros.

Em apoio à mãe, Elizelda abraçou a causa e se tornou colega da mãe no curso do Magistério ofertado no colégio Bernardino Pereira de Barros, e, juntas, concluíram o Magistério no ano de 1995. Na sequência, o registro desse momento.

Figura 4 – Suely Maués, oficialmente professora, concluinte do curso de Magistério (1995).



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018)

Suely Maués era identificada por seus familiares como uma pessoa que lutava por seus objetivos e não se deixava abater pelos obstáculos que surgiam na sua vida; mostrava como característica pessoal uma fortaleza e uma mulher corajosa. Nos últimos anos de vida, mesmo no período em que enfrentou com serenidade e otimismo

seu problema de saúde, ela transparecia esperança. A professora Suely Maués faleceu em 16 de outubro de 2017.

2.2 Formação profissional

Nesta subseção pretendemos investigar, fundamentada nos princípios da História Oral, questões mais específicas da trajetória profissional da professora Suely Maués, buscando salientar questões sobre sua formação e a grande necessidade de também considerarmos aspectos relevantes aos saberes e práticas construídos ao longo da trajetória de vida da professora para formação de sua identidade profissional.

Saber, fazer e ser eis a conjuntura do conhecimento verdadeiro. Teoria, experiência, valores e atitudes são ingredientes necessário que em cada pessoa são combinados de diferentes modos.

A família, a organização e crença religiosa, a classe social de origem, são aspectos que influenciam tanto no motivo de escolha da docência, como referência de princípios no trabalho docente da professora Suely Maués.

O Sr. Eldonor, esposo da professora Suely Maués, lembra os tempos sobre o interesse da esposa pela docência.

Quando conheci a Suely ainda moça ela já estava envolvida com esse negócio de ensinar. Foi no tempo em que ela morava com a Tia Lucí, que era professora e a Suely talvez, brincando de ser professora, imitando o ofício da tia, reunia os primos e começou a ensiná-los. E assim ela não parou mais, depois de algum tempo substituí a tia na escola quando esta por algum motivo precisasse se ausentar de seu ofício.

De acordo com o relato do senhor Eldonor, o convívio com a tia influenciou diretamente a professora Suely Maués a escolher a carreira docente. A experiência docente não pode ser limitada ao momento em que o professor inicia um curso de formação inicial, como afirma Tardif (2007, p.71): “A socialização é um processo de formação do indivíduo que se estende por toda a história de vida e comporta rupturas e continuidades.” Borges (2004), Pimenta (2002) e Tardif (2007) identificam uma quantidade de saberes que influenciam a prática docente, e que são anteriores a esta, saberes provenientes das suas histórias de vida, da cultura familiar ou saberes provenientes de outros tipos de educação. É o que explica Tardif estes saberes “[...] não provém das instituições de formação nem dos currículos. [...] não se encontram

sistematizados em doutrinas ou teorias” (2002, p. 48,49). O professor diante deste saber é ao mesmo tempo produtor e sujeito. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades do desempenho de uma prática educacional significativa.

Estas reflexões nos levam a compreender que todo o tempo da professora Suely Maués era ocupado com as aulas particulares que lecionava em sua casa. Nos raros momentos em que ela não estava com seus alunos, se ocupava de ler e pesquisar em livros, estudando, tinha muito interesse em construir conhecimentos, ter autonomia como professora. Talvez, por se tratar de uma pessoa muito perspicaz, poder-se-ia apostar que a professora Suely Maués era autodidata.

O aperfeiçoamento da prática educativa é o objetivo básico de todo educador como meio para que seus alunos consigam o maior grau de competências conforme suas possibilidades reais. Em seu testemunho a Sra. Maria Benedita, esposa de um dos filhos da professora Suely, enfatiza sobre a determinação desta profissional:

Eu admirava muito a minha sogra, pois ela voltou a estudar depois de adulta. Ela foi fazer o Magistério, concluiu o ensino médio tudo porque sentia uma necessidade imensa de se preparar mais e mais para poder ensinar e assim otimizar o que fazia.

A pesquisa que motivou a conhecer e inscrever a trajetória profissional da professora Suely Maués, levou a buscar fontes que pudessem contar um pouco desta profissional que muito contribuiu com a formação de alunos que por razões várias, apresentavam problemas de aprendizagem.

Rosenilda Lopes, professora da educação básica, foi aluna e também estudou na escola Bernadino Pereira de Barros nos anos de 1993 a 1995 e fez parte da mesma turma de Magistério da professora Suely Maués.

Quando eu era criança minha família morava no Algodal próximo da casa da Professora Suely. Meu pai me colocou lá para fazer externato com ela. Eu tinha uns seis anos, hoje tenho quarenta e um e não esqueço, porque ela era rigorosa e eu não era flor cheirosa (risos). Foi lá que eu aprendi a ler e a escrever. Tenho muita facilidade com a Língua Portuguesa e me formei em Letras. Com ela a gente não escrevia errado, a letra tinha que ser bem bonita e as exigências dela me ajudaram muito a não relaxar. Meu Ensino Médio foi na escola Bernardino, estava matriculada no horário da tarde, fiz o primeiro ano e depois resolvi estudar a noite e quem estava lá? A Professora Suely! Fiquei surpresa afinal de contas ela tinha sido minha professora na infância. Conversando ela me contou que só agora então estava oficialmente se

formando professora. Sempre jovial era uma aluna dedicada, se expressava com muita facilidade nas apresentações de trabalhos e sempre nos períodos de avaliações procurava saber se alguém da turma tinha alguma dificuldade, ela queria ajudar. As vezes quando ficávamos conversando nos corredores, discutindo a matéria, era até mais fácil entender o assunto com a colega Suely do que com o(a) professor (a). Fico muito feliz e orgulhosa quando lembro que 'me formei' professora com a professora Suely Maués.

Formada então, a professora Suely Maués continuou com as aulas de reforço escolar no Externato São Vicente de Paula (durante as manhãs e tardes) e a noite começou a trabalhar também com a Educação de Jovens e Adultos na escola Maximiano Antônio Rodrigues onde assumiu a turma da Etapa I, em 1998.

É sabido que com os jovens e adultos a alfabetização não acontece da mesma forma como na infância. Os adultos precisam ser incentivados para que tenham motivação e não deixarem que os problemas rotineiros os afastem da escola. A senhora Benedita Pinheiro da Silva, 67 anos, foi aluna da Professora Suely Maués na EJA. Morava nas ilhas antes de casar-se e parou de estudar na 4ª série. Há alguns anos viúva dedicou-se ao trabalho em um ponto comercial da família. Relata que seus filhos quando crianças estudaram com a professora Suely no reforço escolar, assim como seus netos também. Esta senhora conta que havia esquecido tudo o que aprendera na escola, argumento que usava quando a professora Suely lhe convidava a voltar a estudar. Ela relata o incentivo recebido da referida professora.

Eu costumava ficar na calçada de casa à noite e em uma dessas noites ela passou a caminho da escola e me convidou para estudar. Eu dizia para ela que a cabeça não dava mais e ela me dizia que nunca era tarde que ela mesma tinha estudado, tinha se formado, me incentivou e eu me matriculei na escola Maximiano. Ela copiava no quadro e depois ia em nossas carteiras para perguntar se estava tudo bem, se não tinha ninguém enrascado. Ela tinha muito interesse em nos ensinar. Quando a gente tinha alguma dúvida e perguntava as coisas para ela, ela na mesma hora sentava e explicava o que a gente queria, não mandava a gente ir pesquisar como os professores fazem agora. Eu me lembro também que tinha um colega que tinha problema de visão, parece que ele não enxergava direito, não sei, só sei que ela fazia as letras bem grandes para ajudar ele.

Quando sentia dificuldades de entender os conteúdos escolares e no período de avaliação, a senhora Benedita, que mora próximo à casa da Professora Suely, lhe pedia ajuda nas aulas de reforço. Lembra esta, que depois que terminou a primeira etapa do EJA como aluna da professora Suely Maués, ficou motivada a dar continuidade aos estudos, chegando a completar o ensino médio em outra escola, mas que nunca mais teve uma professora como ela, com quem gostava muito de

estudar e que nunca ouviu falar de alguém que tenha ficado reprovado como aluno da professora Suely Maués. Entusiasmada por ter se formado, mostrou o anel de ouro que ganhou com a formatura.

A figura 5 mostra a Professora Suely Maués e seus alunos do EJA na escola Maximiano Antônio Rodrigues.

Figura 5 – Professora Suely Maués e sua turma de EJA Etapa I.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

2.3 A professora Suely Maués pelas vozes dos outros

Diferentemente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais não são achados do historiador, mas construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação. Os estudos de Halbwachs apontam o caráter coletivo da memória e assim lhe atribui uma função social. Assim, podemos então colocar a questão memorialística sob o ponto de vista histórico/sociológico. Este redimensionamento nos permite reavaliar e apresentar o depoimento oral como fonte para o historiador.

Pela História Oral, o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Neste sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. A História Oral devolve a história às pessoas com suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para seu futuro construído por elas mesmas. (THOPSOM, 1992, p. 337).

Com base no exposto, a coleta de dados para a realização do presente trabalho foi feita por meio de entrevistas registradas em áudio que, posteriormente, foram transcritas e consideradas fonte orais, pistas e vestígios que nos deram suporte para o conhecimento de quem foi a instrumentadora da educação na cidade de Abaetetuba, professora Suely Maués, dito isto nas vozes dos entrevistados.

Almerindo Paes, meio-irmão da professora Suely Maués, durante a entrevista, lamentou não ter sido criado junto da irmã e conta que a conheceu quando ele já estava crescendo. Todavia, desde que se encontraram construíram uma relação afetuosa e amigável. Ele nos relatou que a professora Suely Maués era uma pessoa muito animada de presença vibrante e que admirava o trabalho da irmã como professora. Segundo Almerindo Paes, a professora Suely se impunha como educadora.

A Suely no trabalho que ela fazia, era uma pessoa muito respeitada principalmente pelos alunos, acredito que todos os métodos que dizem que ela usava, era tudo simbólico (...) antes era muito usado, mas servia para educa-los. Hoje tem moleque que não respeita mais ninguém, bate em professor e os alunos dela não iam para brincar não.

Amiga de infância da professora Suely Maués, desde quando estudou no Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA), a senhora Maria Eunice Carvalho é sogra de Almerindo Paes. Conta-nos que ela e a professora Suely Maués estudaram na mesma escola em classes diferentes, mas sempre se encontravam pelos corredores e horários esportivos para jogar bola e conversar. A senhora Maria Eunice Carvalho lembra que a amiga lia e estudava muito, sabia também fazer “um monte de coisa”. Depois de um tempo costumavam se encontrar em reuniões de família e eventos políticos (reuniões partidárias, carreatas, etc.). Ela enfatiza:

Suely era muito animada, foi uma mãe muito boa, criou os filhos muito bem e era uma excelente professora no externato que ela tinha na casa dela, foi ela que ensinou todos eles, eu acho que hoje todos eles estão trabalhando em bom lugar.

Outra amiga, a senhora Nazaré Reis, também professora, conta que trabalharam juntas na EJA. Lembra-se que durante as formações de professores das quais participaram, a professora Suely se destacava pela criatividade, simpatia e animação.

Suely era professora muito boa para educar, era muito dedicada, responsável e muito sábia. A educação é para quem tem vocação e essa Suely tinha, era parte dela ensinar. Quando trabalhamos juntas, Suely estava sempre preocupada com a aprendizagem dos alunos, desejava que eles realmente conseguissem ler e escrever para poderem se sentir parte da sociedade.

Temos na pesquisa um instrumento dinâmico e interativo que nos instiga a procurar, de forma que a investigação ganha destaque fundamental nesse contexto. Ter informações novas e interessantes que dizem respeito ao que se pretende saber e conhecer. No decorrer da entrevista com a senhora Nazaré Reis, ela indicou outra colega, chamada Maria Ester Lobato, também professora, que compunha o quadro da EJA, nesse período. Parti à sua procura e seu relato é bem interessante sobre o trabalho da professora Suely Maués.

Trabalhar com jovens e adultos foi uma das minhas primeiras experiências como professora, consegui um contrato pelo Município para dar aula no EJA na mesma escola que a professora Suely, mas com outra turma. Participávamos de formações de professores e fiz amizade com ela, afinal quem não fazia amizade com a Suely? Sempre muito carismática, uma senhora alegre. Certa vez em um desses encontros de formação conversamos e trocamos experiências e percebi que ela tinha habilidade e satisfação em ensinar. Tinha muito o que aprender com as oportunidades de formações oferecidas e principalmente muito o que aprender com ela. Nas rodas de conversa dos encontros ela sempre incentivava para que nós professores continuássemos estudando e foi por esse discurso e por esse incentivo que eu prestei o concurso público para professora, hoje sou efetiva e entrei no PAFOR (Plataforma Freire) e agora tenho nível superior em Pedagogia.

Nesta seção foi importante identificar durante a pesquisa quem são esses “outros” que nos mostraram através de suas narrativas o que pretendíamos saber, nos critérios assim observados incluímos nessa categoria alguns depoimentos das

famílias dos alunos do Externato São Vicente de Paula, pois foram relatos de quem sentiu a preocupação e a responsabilidade de oportunizar o desenvolvimento dos filhos na educação afim de conseguir resultados satisfatórios.

A senhora Mariana Macedo, professora aposentada, relata que os filhos tiveram aulas de reforço escolar com a professora Suely Maués.

Meus filhos Marcelo e Mônica estudaram lá. Tinha convicção que a professora era muito boa para ensinar, apoiava totalmente suas metodologias e era tranquila em relação a esse assunto. A participação nas aulas particulares e o incentivo mesmo que as vezes rígido contribuíram muito na formação dos meus filhos. O Marcelo é bombeiro e a filha dele que também aprendeu a ler com a ajuda da Professora Suely, está concluindo a universidade no curso de Direito. Acho que sua contribuição foi importante não só na educação da minha família, mas para a educação de muita gente em todos esses anos.

Maria Santana Souza de Sena é mãe de Isabela, hoje com 13 anos. Ela nos relatou que a filha participou das aulas de reforço no Externato da professora Suely Maués, quando tinha aproximadamente seis anos de idade. Conta-nos que sempre trabalhou fora, passava o dia na loja em que trabalha e tinha pouco tempo para se dedicar a ajudar a filha Isabela na escola. Emocionada, ela relata essa experiência.

Quando eu cheguei na loja, aparentava preocupação. Fiquei angustiada quando a “Bel” me mostrou o dever de casa e disse que não dava conta de fazer e eu não tinha tempo de ensinar, só vivia às pressas para sair. Uma amiga me falou que o filho há muito tempo tinha estudado em um externato muito bom e que a professora era ótima para ensinar. Ela, na época estudava em uma escola particular e eu não achava uma boa ideia ter que pagar novamente para ter aulas externas, mas tu sabe como é hoje, as professoras só mandam o aluno ir pesquisar, pesquisar. Com muita insistência consegui uma vaga no externato, para reforçar a aprendizagem da minha filha, afinal nunca me recusei em investir na educação dela, ela é esforçada e educação eu acho que é investimento.

Nossa! acho que em um ou dois meses ela melhorou muito, fiquei impressionada. Ficou fera em fazer conta, divisão e multiplicação então era rápido que ela fazia. Lia sem dificuldade e quando estávamos na rua e ela identificava alguma palavra errada me cutucava e cochichava dizendo que aquela palavra não era escrita daquele jeito.

No externato ela foi estimulada, pareceu mais interessada e tinha hora que eu achava que quem tinha que estar trabalhando na escola da minha filha era a professora Suely. Infelizmente ela não está mais entre nós, mas sou muito grata pela ajuda que recebi na educação da minha filha.

O relato da senhora Karla, também mãe de ex-aluno da professora Suely Maués, se assemelha ao da mãe de Isabela. Segundo a senhora Karla, que trabalha

há muito tempo em lojas comerciais de Abaetetuba, ficava muito “puxado” trabalhar e ao mesmo tempo ensinar o filho Lucas. Em seu relato, Lucas estuda desde a alfabetização em uma escola particular, mas depois da colação do ABC para ingressar na 1ª série o filho não sabia ler, “ele conhecia as letras, mas ler mesmo ele não sabia”. Desde que o filho começou estudar procurou aulas particulares para ele em externatos para não deixá-lo desocupado, mas Lucas não evoluiu com ninguém. A senhora Karla nos disse que mora no bairro do Algodual e que conhecia a história da Professora Suely de ouvir falar sobre seus trabalhos em ensinar alunos com dificuldade de aprendizagem. Segue nos relatando que sua mãe, avó de Lucas, e os primos, que hoje são policiais, estudaram nas aulas de reforço escolar da professora Suely Maués. A senhora Karla nos disse que para conseguir uma vaga para o filho Lucas procurou várias vezes a professora, todo mês a mãe de Lucas ia lá: “bora Tia, arrume a vaga para mim, ele tá com dificuldade para ler (...) Quando eu não tinha tempo de passar lá, mandava o Lucas” e ele ia perguntar para ela: “-Tia a mamãe mandou perguntar se a senhora arrumou a vaga para mim?” Até que ela finalmente conseguiu a vaga, e o filho só saiu do Externato no mês em que a professora Suely Maués faleceu.

A senhora Karla também nos detalhou, que quando ela conseguiu a vaga para o filho no Externato, a professora Suely Maués a deixou ciente de “como” ela trabalhava, que as regras dela eram outras, e estipulou um prazo de três meses para ensinar Lucas a ler, se ela não conseguisse, devolveria o dinheiro. A senhora Karla nos revelou que Lucas aprendeu ler em dois dias.

Através da senhora Karla, soubemos que a rotina escolar de Lucas era intensa, mas ele acabou se habituando ao ritmo. Aos domingos, quando a senhora Karla está em casa, ela senta e estuda com o filho, por ainda seguir o aconselhamento da professora Suely Maués. Num dos seus relatos, a senhora Karla, revela uma difícil situação enfrentada na escola do filho e que contou com a ajuda da professora Suely Maués.

Me chamaram na escola para discutir sobre a prova do Lucas, era de Matemática e o assunto era Fração. A prova estava toda correta, mas questionaram que não tinha sido resolvida do jeito que eles ensinaram, que a pedagoga da escola não ia deixar passar porque por mais certa que estivesse estava resolvida pelos métodos tradicionais e que o método deles era o certo e que teriam que invalidar a nota dele.

O Lucas levou a prova para a Professora e ela mandou me chamar e perguntou se eu não tinha boca para questionar a situação, que ela ia lá. Eu pedi para ela deixar para lá que ele ia recuperar, ela disse que não ia mas foi.

Chamou a coordenação, pedagoga, professores e exigiu a revisão da prova porque estava tudo correto, o aluno sabia e não tinha porque ele ficar com nota vermelha. Mandaram me chamar de novo, me contaram que ela tinha ido lá e que ele faria uma nova prova, mas que era para ele resolver do jeito que eles ensinaram, no final das contas ele ficou com 9,5.

A senhora Karla nos revelou que a maneira que a professora Suely Maués ensinava era diferente, porém, era muito mais fácil para o filho aprender. Recorda esta senhora do episódio citado e afirmou que estava passando novamente por problemas na escola que envolviam as avaliações dos alunos, porém, não podia mais contar com a professora Suely Maués, alimentava sim a certeza de que se ela estivesse viva, novamente contaria com ela para solucionar o problema. No momento da entrevista, a senhora Karla nos revelou que está sem norte depois do falecimento da professora Suely Maués.

Atualmente, a senhora Karla continua investindo em aulas de reforço na aprendizagem do filho. Paga uma professora de Redação, uma professora de Inglês, outro professor de Física e assim segue.

[...] e assim “vai”, nunca mais consegui achar alguém como ela [...] acho que ela aprendia com eles (risos), quem conviveu com ela, sentiu muito. O Lucas não perde uma missa de mês de falecimento dela, no dia, ele está lá com a camisa com a foto dela estampada na frente.

Os estudos nos dizem que as narrativas constituem caminhos possíveis para provocar uma transformação. São fontes poderosas de inspiração e conhecimento estimulando a reflexão sobre a vida dos outros e da nossa própria vida. Atribuímos nas escutas os valores próprios, falas produzidas por sujeitos que fizeram uso da memória e da palavra e aos poucos se transformaram em documentos que trouxeram, através das vozes das pessoas, lembranças transmitidas oralmente como uma possível reconstrução do passado e da identidade pessoal e profissional da professora Suely Maués.

SEÇÃO III - SER E FAZER-SE PROFESSORA DE REFORÇO ESCOLAR EM ABAETETUBA-PA

Esta seção destina-se às interações entre o espaço de vida e o espaço profissional: a escola de Reforço Externato São Vicente de Paula da professora Suely Maués.

3.1 Tempos de ser professora de reforço: memórias de saberes, ideias e evidências pedagógicas de si, pelos outros

Como seres sociais, somos também seres “educacionais”; ensina-se e aprende-se conceitos, valores e significados de vida a cada instante de interação social, em períodos históricos diversificados, seja por meio da instrução ou da observação de outras pessoas. Assim concebemos a educação como um processo amplo de aquisição de conhecimentos, que extrapola os limites da escola e favorece a compreensão de uma dimensão educativa muito maior.

O termo “externato” aqui aplicado não se enquadra com os significados dos verbetes pesquisados em dicionários, porém assemelha-se na questão de que se refere aos estabelecimentos de ensino em que os alunos são externos, isto é, não residem nele. Na cultura local entende-se comumente como “externato” o espaço que oferece aulas particulares fora do espaço escolar visando a melhoria do desempenho na aprendizagem de um aluno. Nesse sentido seu significado se atrela a concepção de reforço escolar.

Com o intuito de reforçar o que é aprendido nas escolas, muitos pais veem a necessidade de buscar acompanhamento paralelo às aulas formais para seus filhos quando apresentam dificuldades em determinados conteúdos e/ou disciplinas escolares.

Posto isto, as famílias buscam no reforço escolar uma intervenção pedagógica específica, que venha solucionar dificuldades de aprendizagem enfrentadas na escola. Nessa categoria de ensino destacou-se na cidade de Abaetetuba o Externato São Vicente de Paula sob a direção da professora Suely Maués, que por muitos anos foi conhecida na cidade por atender alunos e a solucionar tais problemas.

A professora Suely Maués mudou-se com a família para a zona urbana de Abaetetuba após fatídicos acontecimentos que resultaram na perda de dois dos seus

doze filhos. Em 1980 estabeleceram residência fixa em Abaetetuba, no bairro do Algodal à rua Everaldo Araújo 625, local onde começou a lecionar aulas particulares criando o Externato São Vicente de Paula. Elizelda, filha de Suely Maués fala sobre a mãe:

A mamãe era uma pessoa visionária. Acreditava que absolutamente nada era impossível. Ela costumava dizer que até um animal a exemplo de um cão se fosse ensinado era capaz de aprender, por que uma pessoa não aprenderia?

E com esse trabalho em casa, a professora Suely podia cuidar dos filhos então pequenos e fazer o que mais gostava que era ensinar.

A casa em que moravam era simples, de madeira com pouco espaço. Havia um longo corredor e nele o Sr. Eldonor construiu uma mesa de tabuas com aproximadamente 12m de comprimento fixas na parede por dobradiças e apoiadas por pernas removíveis. Quando não estava sendo usada, tiravam os suportes e a mesa encostava-se na parede.

Conta o neto Mateus, filho de Elizelda que certo dia curioso perguntou a avó o porquê do nome do Externato São Vicente de Paula. Ela então contou-lhe que foi nome sugerido por uma amiga e ela por ser católica acatou a sugestão. Passou então a atender as crianças do bairro.

Após alguns anos quando a casa em que moravam e também onde funcionava o Externato precisou passar por reforma. A professora Suely Maués alugou um barracão que era sede de um clube esportivo da cidade e seu trabalho foi provisoriamente transferido para outro endereço, o que não desestimulou quem procurava seus serviços e nem quem dele se valia. Iso Roberto, ex aluno de Suely Maués recorda esse período:

[...] ficava próximo para mim na época, eu ia de bicicleta, eu me lembro bem zinho. Era lá na Av. Pedro Rodrigues. Era um barracão que antes era a antiga sede do Vênus Clube. Lá no lado de onde o irmão dela mora.

A casa a qual Iso se refere é a casa de Almerindo, irmão de Suely, que herdou a casa do pai e reside nela nos dias atuais.

Após concluída a reforma da casa o Externato voltou a funcionar na residência da professora Suely, a casa de madeira foi substituída por uma de alvenaria e com

mudanças na arquitetura, o corredor onde havia a mesa improvisada passou a dar acesso a área onde a professora se organizou para atender seus alunos. Uma área externa ampla com uma mesa artesanal de madeira, os bancos de assento comprido e as carteiras onde também a Professora Suely organizava seus alunos. A Sra. Benedita descreve que o espaço ficava cheio com “a mesa de ponta a ponta de alunos, e mais as carteiras distribuídas com as costas viradas para o corredor de acesso. Lá se reuniam alunos de todas as series e de todas as classes sociais e ela dava atenção igualmente a todos”.

Abaixo figura o espaço da casa destinado ao trabalho de reforço escolar da professora Suely. Em uma das imagens é possível identificar a cadeira em que a professora costumava se posicionar durante seu trabalho.

Figura 6 – Espaço onde a professora Suely Maués trabalhava com aulas de reforço.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

A professora Suely Maués não utilizava-se de recursos como lousa ou quadro magnético, Matheus relata que “ela ia de caderno em caderno”. Organizava os alunos

por níveis de série e essas eram variadas, ensinava da alfabetização até a 8ª série, capacidade que a nora Benedita disse admirar.

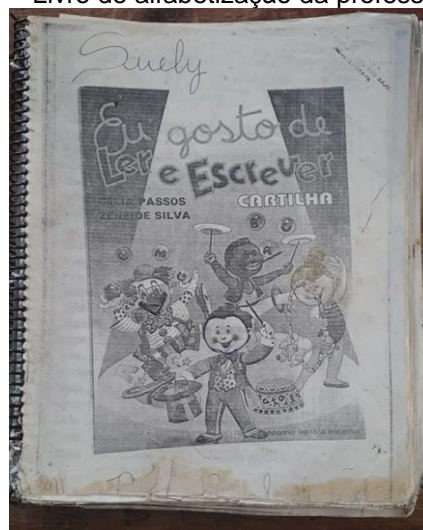
Sei que o professor encontra muita dificuldade para realizar seu trabalho. Hoje a gente aprende alguma coisa, amanhã já não é mais como aprendemos. Tudo sempre muda e hoje às vezes o professor de apenas uma série já não está dando conta.

A filha Elizelda conta que alunos do Ensino Médio também procuravam a ajuda da professora para complementar a aprendizagem. Suas aulas eram multidisciplinares, inclusive línguas estrangeiras como o Inglês e o Espanhol, relata ainda que fez um curso de inglês e a mãe pegava o seu material para aprender e ensinar o idioma.

Na alfabetização a professora Suely aplicava o método da silabação, processo em que as crianças aprendiam através da repetição. Nesse processo, empregava as unidades-chaves: as sílabas que depois se condicionavam em palavras e frases. Ensinava as vogais que se juntavam à gravura do nome. Hoje na prática virou uma etapa da palavração e da soletração.

Na sequência uma imagem de um dos livros didáticos de uso preferencial da professora Suely nesse processo de alfabetização.

Figura 7 – Livro de alfabetização da professora Suely.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018)

Mateus relata que a avó procurava abarcar todos que procuravam ajuda na aprendizagem. Sua demanda era variada, inclusive pessoas que tinham deficiências

ou algum comprometimento físico e/ou sensorial. Esses participavam das aulas de reforço integrados aos demais e a professora intensificava seus ensinamentos se expressando em um tom de voz mais elevado ou procurando entre as demais maneiras se adequar às necessidades de cada aluno.

O neto que também foi alfabetizado por ela relata a estratégia usada pela professora para treinar uma caligrafia perfeita, um dos caprichos almeçados pela professora Suely. Para o neto Mateus, 16 anos que foi também foi alfabetizado por ela, o mesmo relatou que:

A vovó não gostava do caderno de caligrafia, ela mesma fazia o pontilhado e pegava na nossa mão para ensinar a escrever. A minha letra por sinal é muito bonita. Também aprendi a resolver contas matemáticas com ela, o jeito que ela ensinava para a gente era mais fácil e rápido de aprender e eu ensino para os meus colegas na escola.

Na Matemática a professora era categórica, aplicava a sabatina uma vez por semana, uma atividade desafiadora que instigava os alunos a aprender e consistia em fazer várias perguntas sobre a Tabuada, cartilha que ensinava os primeiros passos da aritmética, com as operações da adição, subtração, multiplicação e divisão, enfim as famosas continhas.

Era uma professora pesquisadora, ela estudava para ensinar seus alunos, tinha uma constante reflexão em sua prática pedagógica preocupando-se em manter-se atualizada nos diferentes assuntos específicos das disciplinas. Seu filho Elvis relata que durante o período em que fazia o cursinho preparatório para o vestibular, sua mãe pegava os materiais e estudava os conteúdos, simplesmente pelo fato de gostar de ler e com isso adquirir mais conhecimentos. Porém em suas metodologias de ensino a professora Suely não utilizava recursos tecnológicos, os recursos que valorizava eram seus inúmeros materiais impressos, entre livros originais, reproduzidos e apostilados. Mateus conta sobre os materiais que sua avó utilizava e que para ela eram muito “valiosos”.

A vovó só gostava de livros tradicionais e alguns deles são bem antigos, ela dizia que eles eram muito melhores do que esses atuais. Eram utilizados diariamente e apesar do desgaste com o manuseio ela preservava muito esses livros. Ela colava e remendava conforme iam rasgando.

Na imagem abaixo ilustramos alguns dos materiais que a professora Suely usava.

Figura 8 – Exemplos utilizados pela professora Suely.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Muitas vezes, os primeiros estudos eram ministrados no lar, pela mãe, que alfabetizava os filhos, os quais só mais tarde frequentavam uma escola formal. Com os filhos da professora não podia ter sido diferente, todos quando adentravam na escola já estavam alfabetizados, já sabiam perfeitamente ler e escrever o que era inevitavelmente, por utilizar sua casa como espaço de trabalho muitas vezes a vida pessoal e a profissional se fundiam. Ao mesmo tempo em que estava com os alunos direcionava os afazeres da casa. Testemunhos relatam que da mesma maneira que a professora Suely falava com os filhos, falava também com os alunos e a todos era dada a mesma educação inclusive na formação de personalidade ética. Elvis discorre sobre sua experiência ao ser alfabetizado pela mãe.

[...] ela nos ensinava quando éramos crianças, nosso processo de alfabetização foi ela que realizou. Soletrar, escrever e aprender a tabuada. Nós treinávamos a tabuada e ela fazia a sabatina entre nós irmãos. Meus filhos também receberam a ajuda dela.

Eder outro filho da professora Suely diz ser muito bom em Matemática e tem facilidade em fazer contas “de cabeça”. A ajuda na aprendizagem dos filhos era concomitante a dos alunos e os filhos da professora Suely relataram que depois de “já criados” ajudavam a mãe, tirando a lição na leitura, treinando a tabuada e verificando a correção das contas de matemática.

O número de alunos só aumentava com o passar do tempo, a Sra. Benedita relata que a sogra apesar da idade, pois já estava com mais de 70 anos, era incansável.

Você sabe que agora os externatos de hoje, os professores dedicam mais ou menos uma hora de tempo, com ela não, os alunos entravam as 7h45 e saíam as 12h. Os que iam à tarde chegavam antes das 15h e quando nós íamos visitá-la por volta das 18h, 19h ela ainda estava trabalhando, chega ela ficava suada, eu falava assim: ... tá bom minha sogra, vamos tomar um café, mas ela não largava eles, dizia que eles estavam em período de provas. Não tinha fim de semana ou feriado para ela se ela identificasse alguma dificuldade neles. Era uma dedicação incondicional e eu achava isso uma virtude.

Se tornou referência no reforço escolar pelos resultados que apresentava, mesmo doente continuou trabalhando. A filha Elizelda graduada em Biologia, dá continuidade ao trabalho da mãe e não sabe precisar o quantitativo de pessoas que passaram pelas aulas de reforço da professora Suely, conta que ela tinha um controle nominal dos alunos e possivelmente essas anotações estão guardadas em meio aos materiais e coisa pessoais de Suely que ainda não foram organizadas pela família.

Elizelda conta que a professora ficava muito satisfeita, muito orgulhosa com os resultados alcançados, quando tinha conhecimento de pessoas que continuaram seus estudos e foram até mais adiante concluindo um nível superior e que exerciam uma boa profissão. As pessoas quando a encontravam faziam questão de cumprimentar, demonstrar carinho, agradecer e atribuir-lhe o reconhecimento de que ela foi importante em suas vidas.

A partir dos testemunhos sobre as metodologias aplicadas nas aulas de reforço da professora Suely Maués no decorrer de trinta e sete anos de ofício não podemos deixar de identificar características das metodologias tradicionais de ensino: exposição verbal, foco nos exercícios, na repetição e na memorização. Porém não é o que está em questão neste trabalho, pois a educação brasileira já passou por muitos momentos, bons e ruins, felizes e tristes, fracassados e vitoriosos. Muitas descobertas já se deram no cenário da nossa Educação. Todos nós (futuros) educadores e

educandos, família e sociedade formamos a amplitude dos processos e ações educativas que deram certo ou não.

3. 2 Vozes dos sujeitos do reforço escolar: os alunos

O conjunto de memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. Toda pessoa quando está contando uma história, está ao mesmo tempo tentando apresentar um tipo de uma imagem consistente de si mesmo. Respeitar e valorizar as diferenças individuais numa sociedade cada vez mais massificada é fundamental.

Sabemos que as memórias são fragmentadas, e que nós as reconstruímos enquanto falamos e ao recorrermos à memória, buscamos articular comportamentos e conhecimentos, compartilhamos com diferentes interlocutores, possibilidades de reinventar o vivido, o que nos possibilitará a reflexão da nossa história de vida, da nossa própria prática e formação docente.

A memória individual construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Para Halbwachs a memória é construída e estruturada em grupos. Considerou que a memória coletiva é o campo de firmação da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço. Para o autor a identidade coletiva precede a memória, determinando aquela o conteúdo desta, considerando que a identidade é estável e coerente.

Emergem dessa memória coletiva a História Oral como suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, na forma dos relatos pessoais que são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. Aprendemos e nos lembramos das nossas experiências e é essa característica que nos torna seres "únicos". A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica de recordar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 1990). A matéria prima dos depoimentos com os quais trabalhamos na história oral são as lembranças.

As narrativas das histórias de vida favorecem o transparecer das emoções, dos fatos e das experiências que são singulares e plurais nas vivências dos indivíduos e

possibilitam o resgate de experiências, aqui as ações pedagógicas da Professora Suely Maués, as quais serão relatadas/registradas através das vozes de seus alunos.

Cláudia Ferreira Martins, 38 anos, Pedagoga, professora e Especialista em Educação Inclusiva. Em 1987 quando iniciou na 1ª série do ensino fundamental apresentou dificuldades. Não sabia escrever, ler, ou ao menos copiar do quadro e a professora da escola, chamou sua mãe e apresentou as dificuldades da filha. A mãe de Cláudia resolveu procurar ajuda nas aulas particulares do Externato São Vicente de Paula, da professora Suely Maués. O Externato era próximo da casa de Cláudia, e ela passou a frequentá-lo no contra turno escolar.

Lembro exatamente da mesa de madeira improvisada na parede do corredor e a Professora Suely apresentou-me o alfabeto escrito em sua caligrafia perfeita e impecável. Ela leu o alfabeto, convidou-me a ler repetindo o que ela dizia e em seguida pediu que fizesse as letras, cobrindo o pontilhado produzido por ela mesma em meu caderno.

Segundo Cláudia, no período de uma semana ela já era capaz de ler palavras simples; já tinha mais facilidade em copiar do quadro na escola e nas avaliações que fez depois de aproximadamente um mês ter iniciado o Externato, segundo seu depoimento, ela obteve o resultado positivo máximo na escola, bem diferente das notas das avaliações anteriores. “Levávamos as provas para a aula de reforço e lá elas eram revisadas”, relembra Cláudia.

Existem certas experiências que vivenciamos e que jamais esqueceremos. Cada pessoa guardará as lembranças de forma particular, pois a memória mescla experiências vividas no ambiente com as nossas vivências interiores, assim como Cláudia guarda as lembranças inesquecíveis de ter sentido a experiência de aprender a ler e a escrever com a ajuda da professora Suely Maués.

Cláudia, ex-aluna da professora Suely Maués, guarda recordações dolorosas de um curto período de pré-escola; do estímulo que não recebeu na escola formal e enfatiza que a partir das aulas com a professora Suely Maués sua vida mudou, com os resultados das aulas de reforço, em pouco tempo foi considerada uma das alunas mais inteligentes e aplicadas da turma em que estudou, inclusive no ensino médio e durante a faculdade.

A professora Suely tinha a preocupação de identificar os avanços e as dificuldades e por muitas vezes o que era ensinado nas aulas de reforço nós aprendíamos antes de ser aplicado na escola. No ensino médio me deparei com uma professora de Língua Portuguesa temida por todos por sua rigidez e que não tive problemas, porquê nas aulas de reforço aprendi a ortografia, a gramática e por ter esse aprendizado prévio eu era elogiada pela temida professora que chegou a me perguntar se eu tinha afeição pela Língua Portuguesa e respondi que até a 7ª série tinha estudado em um reforço escolar onde fui instigada com ditado, cópia com caligrafia perfeita, textos, interpretação de texto (esta Suely aplicava oralmente), leitura e outros diversos estímulos e tudo com a professora Suely tinha que ser bem bonito e caprichado.

Atualmente, Cláudia é mãe de quatro meninos, o mais velho frequentou o externato da 1ª série do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio e o segundo da 1ª a 7ª série do Ensino Fundamental, ambos possuem uma boa caligrafia, atributo que a mãe tem certeza que foi por conta do reforço da professora Suely Maués, que costumava lembrar os meninos a mãe como referência de superação, de boa aluna, inteligente. Cláudia era um orgulho para a professora Suely Maués.

Cláudia atua como professora do 2º ano/09 e no Maternal. Em seu ofício se identifica mais com a Educação Infantil. Como professora, ela diz que apesar de muitos acreditarem que o método da silabação está ultrapassado ainda é muito utilizado e tem resultados positivos. Cláudia relata também que “os pais que tinham os filhos no reforço escolar da professora Suely Maués eram cômicos de sua Didática”.

Cláudia reforça sua opinião de que alunos que eram acompanhados pela professora Suely Maués traziam consigo um diferencial, a exemplo de seu filho, que aprendeu com o método da referida professora a facilidade de lidar com a Matemática.

Algo que me impressiona é que os alunos que passaram por lá não tem dificuldades com outras disciplinas além do Português e da Matemática porque todas as demais carecem de leitura e no reforço isso era extremamente trabalhado.

Diz também que a professora Suely Maués a impressionava pela ótima memória que tinha, pois, apesar de ter uma quantidade significativa de alunos “não tinha mais alunos porque já não tinha mais lugar à mesa”, ela conseguia identificar quais os assuntos específicos de cada um.

Ainda segundo Cláudia, todo o período de externato com Professora Suely Maués foi muito significativo na contribuição de sua formação pessoal e profissional,

pensa que os métodos que ela usava (silabação, sabatina, etc.) eram válidos e que, apesar do rigor, ela tinha todo um cuidado com a questão da aprendizagem. Cláudia salienta a importância dos pais e do papel da professora Suely Maués na sua vida.

A Professora Suely buscava a autonomia do aluno e sua capacidade de aprender [...] A pedagogia dela era a pedagogia da preocupação onde a criança realmente pudesse aprender, uma pedagogia carregada de responsabilidade, uma pedagogia do entusiasmo.

Todas as instruções, os conselhos e os ensinamentos que recebeu da professora Suely Maués, Cláudia os trouxe para a vida. Ela finaliza seu depoimento considerando que o trabalho da professora Suely Maués foi uma grande contribuição para a sociedade abagetubense.

Iso Roberto de Jesus Silva e Silva, 34 anos, graduado em Biologia e Direito, atua como professor no Instituto Educacional Pan Americano (IEPAN), onde ministra aulas de Legislação. Enfatiza em sua prática que seus educandos adquiram conhecimentos sobre os direitos que lhes cabem como cidadãos.

Sua experiência no Externato São Vicente de Paula se deu nos anos de 1994 a 1996, período em que Iso Roberto cursou da 4ª a 6ª séries respectivamente. Nesse datar, o Externato São Vicente de Paula estava localizado em endereço provisório na Av. Pedro Rodrigues, no centro da cidade.

Iso Roberto relata que estudava no Instituto Nossa Senhora dos Anjos, pela manhã, e à tarde ele tinha aulas de reforço com a professora Suely Maués. Sua mãe o matriculou no reforço, não em busca de ajuda em alguma dificuldade, mas, assim como os irmãos, estimulava-os a serem os melhores em tudo o que fizessem. Segundo Iso Roberto, ele tirava as melhores notas porque participava do reforço da professora Suely Maués.

Iso Roberto relata que aprendeu toda a tabuada com a professora Suely Maués, no reforço escolar e que a professora fazia sabatina com a disputa entre colegas. Ele narra que nunca perdeu para os colegas, pois se esforçava para estar sempre “afiado” nas respostas.

[...] Eu sei toda a tabuada por causa dela [...] na verdade, eu não fazia o externato por conta da dificuldade na escola. Eu tirava nota boa porque fazia o externato. O reforço para mim servia para aprimorar o ensino da escola e

na escola eu só tirava 9,0 e 10,0 - 9,0 e 10,0. Uma vez eu tirei 8,0 eu fiquei em pânico!

O relato de Iso Roberto é bastante crítico e construtivo quando se refere às ações pedagógicas da professora Suely Maués, e sobre ensinamentos que aprendeu com ela.

[...] é importante esclarecer os aspectos de como era a educação e a criação de alguns anos atrás. O que era aceitável para a época e que agora não é mais, que hoje vivemos numa geração do 'mi-mi-mi', num aspecto contrário ao daquele tempo [...] Os PCN's são diferentes de vinte anos atrás, mas penso que na questão do aprendizado hoje em dia é mais deficiente, não em relação ao professor que não queira se doar a dar aula, mas no aluno que não está interessado em aprender. Hoje as pessoas escrevem extremamente mal nas redes sociais, existe o tal do internetês, que pra mim tem termos que são aceitáveis como por exemplo: vc (você), pv (privado), mas eu "aprendiR", "Entereçados" "eu te amoR", pelo amor de Deus!! Aí o "Brasil que eu quero é um Brasil com melhor Educação," o povo não quer ser educado e Deus o livre se tu fores corrigir, eles reclamam dizendo que a gente quer aparecer, se exhibir. A inversão de valores é muito grande hoje em dia, o que é certo é errado e o que é errado é certo, eu acho isso preocupante.

A preocupação da professora Suely Maués em ensinar valores e disciplinas era até maior do que a responsabilidade de ensinar conteúdo. Iso Roberto relata, que hoje em dia, ele traz muito dessa referência para o seu trabalho: "lá no IEPAN tenho fama de ser rigoroso, de cobrar sempre mais de meus alunos e de 'exigir' que eles façam sempre o melhor".

Ainda, segundo esse ex-aluno, o diferencial das aulas do Externato São Vicente de Paula, é que os que estavam lá, tinham por obrigação aprender e na escola "se eu errar, errei e acabou...". A professora Suely Maués fazia o possível para que o aprendizado se concretizasse.

Ela ajudava no dever de casa, não era o tipo de professora que escrevia o dever para se livrar logo do aluno, ela sentava com a gente, lembrando o que foi estudado e ajudava com a lição de casa, tirava as dúvidas e reforçava o que já havíamos aprendido. Ela cobrava mesmo e em contrapartida a gente se dedicava. Foi uma experiência muito boa, eu gostava de ir pra lá.

Sobre a importância de sua experiência educacional com a professora Suely, Iso Roberto se sente orgulhoso e ressalta que "hoje é alguém na vida" e faz referência

a seguinte citação de Isaac Newton para representar o apoio da professora Suely Maués na sua vida: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Outro ex-aluno de reforço da professora Suely Maués, chama-se Elias Quaresma, 27 anos, cirurgião dentista, ortodontista e especialista em estética dentária. Ele não sabe a exatidão temporal de quando estudou com a professora Suely Maués.

Elias Quaresma recorda-se que foram os anos entre a sua alfabetização e a 5ª série do Ensino Fundamental. Concluiu a faculdade na área de Odontologia em 2012 e, segundo ele, as aulas de reforço contribuíram demasiadamente para o sucesso na sua trajetória acadêmica. Foi no Externato São Vicente de Paula que ele aprendeu a ler e também aprendeu matemática por meio da tabuada.

De uma base familiar muito tradicional, os pais de Elias Quaresma sempre ensinaram a ele e aos irmãos o respeito pelas pessoas e a obedecer a “Tia Suely”, principalmente. Conta-nos este ex-aluno, que seu pai chega a ter um grau de parentesco com a professora Suely Maués, e, em seu relato, Elias Quaresma aplica o termo “tia”. Filho do meio, seus irmãos também estudaram no Externato São Vicente de Paula. O irmão mais velho é engenheiro químico e irmão caçula é formado em Medicina. Todos foram alunos de reforço da professora Suely Maués.

Nas lembranças de Elias Quaresma ele se remete ao tempo de criança, caracterizando essa fase como difícil. Conta que, naquele período, havia uma cobrança acentuada na questão do aprendizado, mas, o esforço dos alunos era tão grande que acabavam se habituando e dedicando-se para não mostrarem nenhuma pendência e assim ficarem logo de férias. Apesar da pressão, Elias Quaresma considera que os métodos da professora Suely Maués, hoje já em desuso, foram muito eficientes pelos bons resultados que ele e os irmãos apresentavam, pois com a professora Suely Maués não tinha meio termo, ou a pessoa “aprendia ou aprendia”.

Elias Quaresma assegura que a educação que recebeu da professora Suely Maués, e toda a dedicação envolvida, ocorriam porque ela se preocupava de verdade com o futuro dos que estavam lá, no seu Externato, sob os seus cuidados, e em que pessoas os alunos que se tornariam. Acredita que tudo o que aprendeu com a professora Suely serviu de aporte para ter se tornado o profissional bem sucedido que é hoje.

A Educadora Física Priscila Lima, 25 anos. Ex-aluna do reforço escolar do Externato São Vicente de Paula, fala também sobre a postura da professora Suely Maués, esboça admiração em seu relato:

A Professora Suely fez toda a diferença na minha vida. Trabalho com crianças e hoje entendo o porquê ela era tão exigente e rigorosa com a gente. Com ela não tinha brincadeira, sem palavrões, sem desrespeito com os colegas ou com qualquer outra pessoa, ficávamos concentrados em realizar nossos deveres. Aprendi a ler e escrever no externato, na verdade foi ela quem me alfabetizou. Minha mãe ficou muito feliz quando peguei um caderno e um lápis e escrevi meu nome, tentando fazer a letra bem bonitinha como a professora havia me ensinado, eu estava na 1ª série e estudei lá até a 8ª, eu nunca repeti de ano, a professora sempre “convencia” a gente a se esforçar.

Priscila Lima, que trabalha com educação “hoje”, alega se tratar de uma tarefa difícil, pois exige dedicação e muita paciência. Segundo ela, muitas vezes os professores ficam desmotivados e que no decorrer de sua vida escolar pouco conheceu professores tão empenhados em ensinar como a professora Suely Maués.

Eduardo Correa, 29 anos hoje gerencia a loja de peças automotivas da família. Esse ex-aluno de reforço da professora Suely Maués, concluiu o Ensino Médio, parou de estudar por um tempo, depois retomou os estudos na área de Gestão Empresarial, ainda em curso, numa universidade particular de Abaetetuba. Suas lembranças do tempo em que estudava com a professora Suely Maués, são muitas:

Eu estudava de manhã na escola Basílio de Carvalho e meu pai arrumou uma vaga para mim no externato da Professora Suely a tarde. Há muito tempo ele “prometia”, era difícil conseguir uma vaga porque tinha muita gente e ele achava que se tinha muita gente era porque devia ser bom. Meu pai além do aprendizado queria que eu não ficasse ocioso ou na rua aprendendo o que não presta.

Relata-nos Eduardo Correa, que na escola ele era “mau aluno” nos rendimentos das disciplinas. Ele melhorou o desempenho em matemática quando passou a ser aluno das aulas de reforço da professora Suely Maués.

Conclui o ensino médio e me tornei pai de família antes do esperado e assim como meu pai me incentivou a estudar me incentivou a trabalhar e assumir minhas responsabilidades. Comecei a trabalhar em uma oficina de reparos de moto e bicicleta que ficava no caminho de onde ela passava todos os dias quando ia na igreja. Quando ela me via sujo de graxa, colocava a mão na cintura e brincava me chamando de péssimo e que a culpa de eu estar

naquela situação era minha, que eu poderia ter estudado mais e estar em condições melhores. Eu parava o que estivesse fazendo para cumprimentá-la, tomar “benção” e respondia “é eu posso até estar assim, mas me dê uma conta para a senhora ver se eu não faço” e tudo acabava em risada.

Eduardo Correa mostra-se saudoso quando se refere à professora Suely Maués. Ele se recente por não ter dado tempo de comunicá-la do seu retorno aos estudos, pois a professora sempre o motivou a fazer um curso superior.

Luciane Costa, outra ex-aluna das aulas de reforço da professora Suely Maués, tem 26 anos e é enfermeira. Ao depor entre risos, diz-nos que sua experiência como aluna de reforço da professora Suely Maués, foi uma espécie de herança genética. Primeiro foi sua mãe aluna do Externato São Vicente de Paula, depois ela e a irmã. Ou seja, o reforço escolar passou de mãe para as filhas.

Estudei em escola pública toda a minha vida e quando as escolas entravam em greve eu pensava que ia descansar, minha mãe me acordava cedo e mandava eu ir para o externato, lá não parava. A professora ensinava o que estava sendo visto na escola, aproveitava a greve dos professores e ensinava o que a gente ainda ia ver no conteúdo do ano letivo. Ela usava o material dos alunos que estavam na mesma série, mas de escola particular. Quando a gente voltava para a escola já sabia tudo, ficávamos mais adiantados do que o resto da turma. E era só nota boa, acho que eu nunca tirei uma nota vermelha na vida.

Luciane Costa prestou vestibular para enfermagem e foi morar para Belém. Ela lembra que foi um período “puxado”. Os estudos se intensificaram e a rotina era outra. Nesse difícil período, ela recordava os tempos do reforço escolar, onde era estimulada a não esmorecer diante das dificuldades do dia a dia, afirma ainda que se chegou onde está foi por incentivo que recebeu da família e da professora Suely Maués.

Importante ressaltar que a busca dos sujeitos entrevistados no decorrer da pesquisa, foram investigados e abordados de acordo com informações e indicações da família da professora e por pessoas do meu convívio pessoal conhecedoras da mesma. Anterior a realização desta pesquisa, um colega de trabalho comentou que seu sobrinho Lucas (o filho de Karla) havia recebido as aulas de reforço da professora Suely.

Lucas tem 11 anos e relatou que o seu primeiro dia no externato foi difícil, os alunos que já estavam sentados à mesa da professora Suely, o assustaram ao dizer que a professora era chata, era enjoada e que eles não podiam nem conversar. Lucas

tinha 06 anos e acabado de ingressar na 1ª série. O menino então queixou-se a mãe e disse que não queria mais ir para as aulas de reforço, esta prometeu que se ele aprendesse a ler, ele poderia não ir mais o externato. Lucas conta como a Professora Suely começou:

Ela pegava aquele livrinho que tem A...U...sabe? aí ela mandava eu ler, aí eu não dava conta, ela falava 'soletra' e soletrava comigo no outro dia eu comecei a soletrar e aí eu ia lendo e aí eu aprendi rápido, em dois dias eu já sabia ler corrido.

Lucas aprendeu a ler, sentiu-se motivado a partir do aprendizado e disse que preferia continuar com as aulas de reforço. A mãe estava presente neste momento, e incentivou o filho a falar da tabuada.

Ela fazia a tabuada em capas de caderno velho, aquelas capas duras, ela tinha um bocado, ficavam num armário que ela tinha que era cheio de papel e livros, ela falava 'Lucas está aqui a tabuada'. Nessas capas ela escrevia as casas da multiplicação do 2 até o 10 e mandava a gente ir estudar que ela ia perguntar e quem errasse pegava um bolo. Eu aprendi em meia hora, não esqueci mais.

Abaixo a ilustração de um dos móveis onde a professora guardava seus materiais de trabalho.

Figura 9 – Armário de materiais didáticos da professora Suely Maués



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Lucas relata que era mais fácil aprender com a professora Suely Maués e que acabava se divertindo com o jeito dela ensinar. Depois que ela morreu, fica se lembrando das horas em que passava lá, da voz da professora e fica com saudades. Ele lembrou de quando queria sair mais cedo, por volta das cinco horas da tarde, mas ela não deixava, era só se a mãe fosse lá e dependia muito do argumento, ela dizia “fica aí que eu vou te ensinar”, diz imitando a professora. “Em tempos de avaliação na escola ela só liberava ele sete horas da noite ou mais”. A mãe de Lucas, completa: “era obrigado a mamãe ir lá para conferir se ele estava lá mesmo”.

A experiência profissional da professora Suely Maués, que perdurou por mais de três décadas de serviço prestado aos cidadãos abaetetubenses, que a procuravam para aprenderem com suas aulas de reforço, na verdade, de acordo com os dados oriundos das lembranças dos sujeitos que participaram desta pesquisa, as tradicionais aulas acrescentaram a essas pessoas alternativas de formação em dimensões pessoais que impulsionaram as transformações sociais desses sujeitos. Essas experiências contadas e realmente vividas carregam a certeza de um tempo que passou e que deixou marcas significativas em suas vidas.

No decorrer das entrevistas, observou-se as articulações entre as narrativas e a trajetória de vida e profissional da professora Suely Maués, uma profissional que inaugurou na vida de muitos alunos, olhares singulares a cada um, e ao mesmo tempo olhares estruturantes para o ser professora que durante suas ações pedagógicas, procurou compreender a construção em si e no outro.

Este olhar que a professora Suely Maués direcionou a seus alunos durante sua trajetória profissional possibilitou-lhes perceber, para além da melhoria dos rendimentos escolares, como eles podem se transformar diante do mundo e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma proposta de analisar a história de vida e a trajetória profissional da professora Suely Maués, destacando suas contribuições para a História da educação no município de Abaetetuba. E, nesse sentido, documentar como fontes os relatos orais de memórias de familiares, amigos e ex-alunos que frequentaram as aulas do Externato São Vicente de Paula.

Ao dar voz aos entrevistados, a História Oral possibilita diferentes versões, diferentes percepções sobre o mesmo fato. Por isso, neste tipo de trabalho, não se pode adotar modelos reducionistas de análise, buscando a continuidade e a descontinuidade, os equívocos, as falhas, as comparações apenas. Pois, aquele que rememora expressa, também, em seu discurso, as suas fantasias e suas idealizações, ultrapassando o campo do racional, da lógica e da razão.

Pela somatória das memórias individuais, temos a evidência de uma memória coletiva, que fornece elementos para a reconstrução da memória histórica de uma professora que por mais de trinta anos esteve a serviço da comunidade discente, no sentido de tirá-los de situações difíceis que a escola formal não conseguia solucionar.

Por fim, vale ressaltar a relevância da História Oral nesta pesquisa como método e como técnica de produção de dados, posto que é importante instrumento para se conhecer histórias de vida e/ou instituições e coletar novos dados para a pesquisa que poderiam não estar contemplados em fontes documentais escritas.

Particularmente, a experiência desta pesquisa mostrou que ser uma professora na perspectiva da professora Suely Maués foi ter visto a sua vida familiar intermediada por sua vida profissional, perceptível pelos momentos em que a escolha profissional foi apoiada pela família, como a base para sua decisão de voltar a estudar e realizar o sonho de ser oficialmente professora. Por sua vez, a sua história profissional está baseada em sua vivência, na sua experiência e nos conhecimentos advindos de suas convicções, que deram suporte as suas ações e percepção de como ser professora de reforço na cidade de Abaetetuba.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor da Educação Básica e seus saberes profissionais**. Araraquara-SP, JM Editora, 2004, p. 161-217.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.

_____. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

NÓVOA, António e FINGER, Mathias (Orgs). O método (auto)biográfico e a formação. **Cadernos de Formação Nº 1**, Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, Lisboa, 1988.

PIMENTA, Selma Garrido, (Org.). Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 15-34.

PINSK, Carla Bassaneti (Org). **Fontes Históricas**. 3. edição. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.1-15,1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n 3, p. 3-15, 1989.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 8. edição Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

Figura 10 – Materiais didáticos utilizados pela professora Suely Maués.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Figura 11 – Frente da casa onde a professora Suely Maués morava e onde funciona o externato São Vicente de Paula



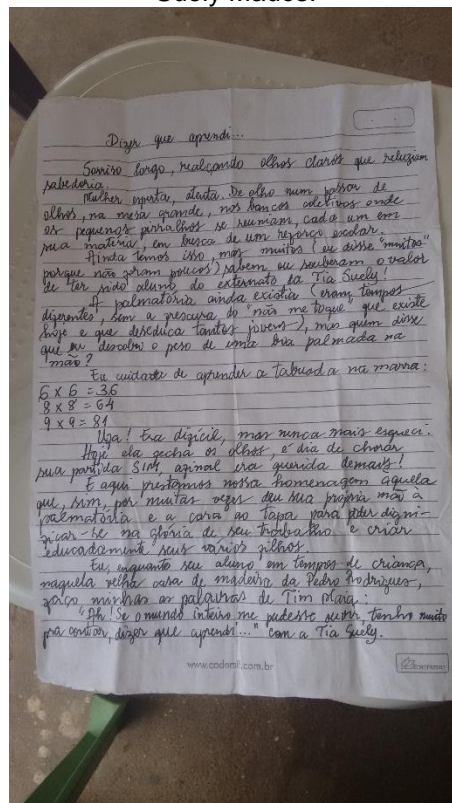
Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Figura 12 – Atividade de um dos alunos da professora Suely Maués.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

Figura 13 – Discurso de homenagem de um aluno no dia da missa de falecimento da professora Suely Maués.



Fonte: acervo da família Maués (maio/2018).

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PESQUISA EMPÍRICA

Prezado Sr.(a).

Como aluna concluinte do curso de Licenciatura em Pedagogia da faculdade de Educação e Ciências Sociais-FAECS, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitária, venho solicitar sua colaboração, no sentido de obter as respostas às perguntas abaixo, bem como a autorização da publicação dos relatos, informações e imagens colhidas no decorrer da pesquisa sobre: **NARRATIVAS ORAIS SOBRE AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA SUELY MAUÉS NO REFORÇO ESCOLAR DE CIDADÃOS ABAETETUBENSES (1980-2017)**. Na qual resultará na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pela Prof.^a. Dr^a Maria do Socorro Pereira Lima.

Com estima e apreço, agradeço sua colaboração!

Data:

Assinatura entrevistado:

**APENDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS E USO
DE IMAGEM EM PESQUISA**

Prezado/a Sr.(a).

Eu, Juliana dos Santos da Costa, CPF 80894666215, aluna concluinte do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, solicito o seu consentimento para a participação voluntária e autorização da publicação dos relatos, informações e imagens colhidas no decorrer da pesquisa sobre NARRATIVAS ORAIS SOBRE AS AÇÕES PEDAGÓGICAS DA PROFESSORA SUELY MAUÉS NO REFORÇO ESCOLAR DE CIDADÃOS ABAETETUBENSES (1980-2017). Na qual resultará na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pela Prof.^a. Dr^a Maria do Socorro Pereira Lima.

Com estima e apreço, agradeço sua colaboração.

Data:

Assinatura:

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO 01

APLICADO AOS FAMILIARES E AMIGOS DA PROFESSORA SUELY MAUÉS

Dados pessoais dos entrevistados (nome completo, idade, escolaridade, atuação profissional)

- Qual a origem de Suely Maués?
- Como foi sua vida escolar?
- Como e quando constituiu família?
- Suely Maués tinha alguma crença?
- Qual o percurso profissional da Professora Suely Maués?
- Antes de ser professora exerceu alguma outra profissão?
- Por que escolheu essa carreira?
- Quais suas lembranças de Suely Maués como pessoa?
- Quais suas lembranças de Suely Maués como profissional da Educação?
- Há quanto tempo trabalhou com reforço escolar?

QUESTIONÁRIO 02

APLICADO A EX - ALUNOS DA PROFESSORA SUELY MAUÉS

- Dados pessoais dos entrevistados (nome completo, idade, escolaridade, atuação profissional)
- Com que idade começou a frequentar as aulas de reforço?
- Que motivos contribuíram para buscar a complementação do reforço escolar?
- Qual foi importância do reforço escolar na sua vida?
- O reforço escolar supria as dificuldades de aprendizagem que alunos apresentavam nas aulas?
- Quais métodos usados para repassar os conteúdos para os alunos do reforço escolar?
- As aulas de reforço contribuíram para minimizar as dificuldades de aprendizagem dos alunos?

- Você acha que as aulas de reforço escolar da Professora Sueli contribuíram para o seu aprendizado?
- O que você aprendeu nas aulas de reforço da Professora Sueli?
- De que forma a professora contribuiu para sua educação?
- Qual a diferença das aulas de reforço ministradas pela professora Sueli e a aula vista na escola?
- Você acha que os métodos que a professora utilizava nas aulas de reforço eram eficientes?
- Você gostou de participar das aulas de reforço escolar, o que mais você recorda desse período?
- Como foi a experiência de ter participado do reforço escolar?